LUCAS NAVARRO PAOLUCCI

FIRE IN THE AMAZON: IMPACTS OF FUEL LOADS AND FREQUENCY ON ANTS AND THEIR INTERACTIONS WITH SEEDS

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ecologia, para obtenção do título de *Doctor Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2016

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa

T

Paolucci, Lucas Navarro, 1984-

P212f Fire in the Amazon : impacts of fuel loads and frequency
2016 on ants and their interactions with seeds / Lucas Navarro Paolucci. – Viçosa, MG, 2016.

viii, 95f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.
Orientador: José Henrique Schoereder.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Viçosa.
Inclui bibliografia.

1. Ecologia das florestas tropicais. 2. Fogo e ecologia - Amazônia. 3. Incêndios florestais - Amazônia. 4. Comunidades vegetais. 5. Relação inseto-planta. 6. Formigas . I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Biologia Geral. Programa de Pós-graduação em Ecologia. II. Título.

CDD 22. ed. 577.34

LUCAS NAVARRO PAOLUCCI

FIRE IN THE AMAZON: IMPACTS OF FUEL LOADS AND FREQUENCY ON ANTS AND THEIR INTERACTIONS WITH SEEDS

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ecologia, para obtenção do título de *Doctor Scientiae*.

APROVADA: 15 de fevereiro de 2016.

Tathiana Guerra Sobrinho
(Coorientadora)

Inara Roberta Leal

Júlio Neil Cassa Louzada

Ricardo Ribeiro de Castro Solar

José Henrique Schoereder
(Orientador)

Dedico novamente aos meus pais, Helenice
e Ricardo, por quem tenho eterna admiração,
respeito e amor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Helenice e Ricardo, por possibilitarem minhas conquistas e acreditarem nos meus sonhos, além de me ensinarem valores que sempre carregarei comigo. Sem o apoio de vocês eu não teria conseguido realizar este sonho. Amo vocês!!!

Aos meus irmãos, Luiza e Rodrigo, pela amizade e amor que compartilham comigo.

À Universidade Federal de Viçosa, por ter me proporcionado esta formação sólida e completa, desde a graduação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia, pela formação e oportunidade de ter cursado o doutorado neste tema apaixonante.

Ao Prof. José H. Schoereder, por dividir seus conhecimentos comigo desde 2006. Por me ensinar grandes valores éticos da ciência, por me ensinar a fazer ciência da melhor qualidade, e por dar asas às minhas ideias. Zhé, você é um profissional que admiro e me espelho, e é o responsável por grande parte das minhas conquistas acadêmicas. Muito obrigado!!!

Ao Prof. Alan Andersen, pela imensa colaboração, paciência e dedicação durante a orientação no meu período de doutorado sanduíche.

À Tathi, pela coorientação/orientação desde a graduação. Pelas críticas e sugestões e parcerias em (quase) todos os projetos que desenvolvi até então e, principalmente, pela sua grande amizade.

Ao Bob, grande amigo desde a graduação e que sempre se dispôs a discutir ecologia e estatística durante todo este período.

Ao Goiano, que desde a graduação tem sido um grande amigo e espero que continue sendo para a vida toda.

Aos Doutores Inara Leal, Júlio Louzada, Tathiana Sobrinho e Ricardo Solar por se disporem a participar da banca examinadora e pelas contribuições ao trabalho.

Ao Ricardo Campos, pelas discussões do projeto e amizade.

Ao Marcão, Vanessa e Malu pela ajuda na montagem do experimento e coleta dos dados.

Ao IPAM e sua equipe técnica, por terem disponibilizado acesso às áreas, e apoio para todo o trabalho de campo.

À Thaynara e Filipe pela ajuda na triagem e montagem das formigas.

Em especial ao Rodrigão, cuja ajuda na identificação das formigas foi extremamente valiosa, e sem a qual este trabalho não teria sido possível.

Ao Júlio, que auxiliou na identificação das formigas.

Ao Getulinho, que me auxiliou nas discussões sobre cálculos de biomassa vegetal.

Ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), pela oportunidade de ter participado do curso Ecologia da Floresta Amazônica (EFA), o que certamente contribuiu para minha formação profissional e pela qualidade desta tese.

À Capes, pela bolsa de doutorado, e ao CNPq, pela bolsa de doutorado sanduíche.

A todos colegas do Laboratório de Ecologia de Comunidades / UFV, que felizmente não são apenas colegas, mas amigos.

A todos os colegas e amigos do CSIRO / Darwin, com quem compartilhei ótimos momentos durante minha estadia na Austrália.

A todos os amigos da Capoeira Alternativa, e à própria capoeira, que fizeram parte da minha vida durante todo o período de doutorado, e foram essenciais para que eu conseguisse atravessar este momento com a mente e o corpo sãos.

A todos os amigos da Xango Capoeira / Darwin, sem os quais eu não teria tido momentos tão felizes e inesquecíveis na Austrália.

A todos os meus amigos, que são essenciais em minha vida.

E finalmente a todos que, de alguma maneira, contribuíram para esta realização. Muito obrigado!

ÍNDICE

RESUMO

PAOLUCCI, Lucas Navarro, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, Fevereiro de 2016. **Fogo na Amazônia: impactos da quantidade de combustível e frequência sobre as formigas e suas interações com sementes.** Orientador: José Henrique Schoereder. Coorientadores: Tathiana Guerra Sobrinho e Ricardo Ildefonso de Campos.

O fogo é um importante distúrbio que influencia a distribuição e diversidade de espécies em vários biomas. As florestas tropicais raramente queimam naturalmente, mas atividades humanas como a exploração madeireira e a agricultura fragmentam o hábitat original, aumentando a carga de combustível e, consequentemente, a inflamabilidade e frequência de incêndios em seu sub-bosque. Atualmente as florestas do sul da Amazônia enfrentam mudanças extremas no uso da terra, e encontram-se sob um estado de incêndios recorrentes. Incêndios de sub-bosque degradam severamente a estrutura destas florestas, mas o papel da quantidade de combustível ou da frequência do fogo em suas comunidades faunísticas ainda é pouco conhecido. Nós abordamos experimentalmente como incêndios de sub-bosque afetam comunidades de formigas associadas às florestas do sul amazônico. No primeiro capítulo, investigamos a influência do fogo e da quantidade de combustível (serapilheira) sobre as comunidades de formigas e suas interações com sementes mirmecocóricas. Incêndios únicos e combustível foram aplicadas em parcelas contidas em seis blocos, e as formigas foram amostradas em quatro estratos: subterrâneo, serapilheira, epigéico, e arbóreo. Nós encontramos que táxons altamente especializados são os mais sensíveis a incêndios, mas a composição de espécies permaneceu pouco alterada. O fogo reduziu as taxas de localização e transporte de sementes, o que atribuímos a um maior estresse térmico, mas maiores cargas de combustível não diminuem a diversidade de formigas ou seus serviços ecossistêmicos por um aumento na severidade do fogo. No segundo capítulo nós investigamos o papel de incêndios recorrentes sobre as comunidades de formigas, e avaliamos a medida em que as suas respostas são consistentes com as de árvores. Duas parcelas foram submetidos a incêndios anuais e trienais ao longo de um período de seis anos, enquanto uma parcela permaneceu intacta. A diversidade e a composição de espécies variaram de modo semelhante para árvores e formigas, com efeitos mínimos sobre a riqueza, aumento na equidade e diferente composição de espécies devido ao fogo. Entretanto, o fogo teve um impacto muito mais severo na abundância e biomassa de árvores do que de formigas, refletindo os efeitos diretos do fogo nas primeiras e indireto nas últimas. Concluindo, nós sugerimos atenção particular à prevenção de incêndios recorrentes, afim de se manter a biodiversidade dessas florestas, especialmente considerando-se que as formigas têm um papel bem estabelecido como indicadores de distúrbios em outros grupos da fauna, de modo que esses efeitos negativos provavelmente também ocorrem em outros táxons destas florestas.

ABSTRACT

PAOLUCCI, Lucas Navarro, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2016. **Fire in the Amazon: impacts of fuel loads and frequency on ants and their interactions with seeds.** Adviser: José Henrique Schoereder. Co-advisers: Tathiana Guerra Sobrinho and Ricardo Ildefonso de Campos.

Fire is a major disturbance shaping the distribution and diversity of species across several biomes. Tropical forests rarely burn naturally, but human activities such as logging and agriculture fragment the original habitat, increasing fuel loads and consequently the flammability and frequency of understory fires. Southern Amazonian forests are currently facing extremely land-use change, and are under a state of high recurrent burning. Understory fires severely degrade the structure of these forests, but the role of fuel loads or fire frequency on their faunal communities has been little studied. Here we experimentally addressed how understory fires affect shade-adapted ant communities from southern Amazonian forests. In the first chapter we investigated the influence of fire and fuel loads on ant communities and their interactions with myrmecochorous seeds. Single fires and fuel addition were applied to plots in six replicated blocks, and ants were sampled in four strata: subterranean, litter, epigaeic and arboreal. We found that highly specialized taxa are the most sensitive, but species composition remained little altered. Fire reduced rates of seed location and transport, which we attribute to increased thermal stress, although enhanced fuel loads will not decrease ant diversity and ecosystem services through increased fire severity. In the second chapter we investigated the role of recurrent fires on ant communities, and assessed the extent to which their responses are consistent with those of trees. Two plots were subjected to annual and triennial fires over a six-year period, while one plot remained unburnt. Species diversity and composition varied similarly for trees and ants, with minor effects on richness, increased evenness and different species composition due to fire. However, fire had a much more severe impact on abundance and biomass of trees than of ants, reflecting the direct effects of fire on the former and indirect on the latter. In conclusion, we suggest that the prevention of recurrent fires should be of special concern for the maintenance of biodiversity of these forests, particularly considering that ants have a well-established role on indicating disturbances on other faunal groups, so such negative effects likely occur for other taxa from these forests as well.

GENERAL INTRODUCTION

Fire is a major agent of disturbance across different biomes, shaping the patterns of diversity, distribution and composition of several taxa (Bond et al. 2005). Many biomes as tropical savannas, Mediterranean scrubs, grass fields, boreal forests and eucalypt woodlands burn naturally (Bond and Keeley 2005), and the biotas of such fire-prone biomes are usually highly resilient to fire, because of their association with it over the evolutionary time. However, fire currently represents an important disturbance also for tropical forests, which rarely burn naturally due to their humid microclimate and high rates of litter decomposition (Uhl and Kauffman 1990). These habitats are facing high anthropogenic pressures that increase the risk of fire occurrence and its intensity (Nepstad et al. 1999; Ray et al. 2005).

The rainforest-savanna transitional region of the southern Amazon is known as “The Arch of Deforestation”, and it is particularly threatened by human disturbances, mainly due to the expansion of its agricultural frontier. These forests are now experiencing high rates of deforestation and consequently understory fires (Morton et al. 2013). Such human activities causes lower tree cover, drier microclimate, and higher and drier fuel loads of forest edges, increasing the risk of fire occurrence. Once burned, a positive fire feedback may be established (Cochrane et al. 1999), and natural fire return intervals can dramatically decrease (Cochrane 2001; Pivello 2011).

Despite the current state of extremely high recurrent burning that the southern Amazon region is facing (Alencar et al. 2015), and the well-established detrimental effects that understory fires have on its vegetation (e.g. Balch et al. 2015; Balch et al. 2013; Brando et al. 2014; Brando et al. 2012), the role of fire, its fuel loads and frequency remains little understood for the shade-adapted fauna from southern

Amazonian forests, and also for the ecosystem services they provide.

Here we experimentally assessed how fire affects the shade-adapted ant fauna from southern Amazonian forests. Specifically, in the first chapter we investigated the impacts of fire and fuel loads on ant communities from four strata and on their interactions with seeds. In the second chapter, we addressed how extremely high fire frequencies impact ant communities from three strata, by comparing variation among experimental plots with that shown by trees.

REFERENCES

Alencar AA, Brando PM, Asner GP, Putz FE (2015) Landscape Fragmentation, Severe Drought and the New Amazon Forest Fire Regime. Ecological Applications

Balch JK et al. (2015) The Susceptibility of Southeastern Amazon Forests to Fire: Insights from a Large-Scale Burn Experiment. BioScience 65:893-905

Balch JK, Massad TJ, Brando PM, Nepstad DC, Curran LM (2013) Effects of high-frequency understorey fires on woody plant regeneration in southeastern Amazonian forests. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences 368:20120157

Bond WJ, Keeley JE (2005) Fire as a global 'herbivore': the ecology and evolution of flammable ecosystems. Trends in Ecology & Evolution 20:387-394 doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.tree.2005.04.025

Bond WJ, Woodward FI, Midgley GF (2005) The global distribution of ecosystems in a world without fire. New Phytologist 165:525-538 doi:10.1111/j.1469-8137.2004.01252.x

Brando PM et al. (2014) Abrupt increases in Amazonian tree mortality due to drought–fire interactions. Proceedings of the National Academy of Sciences 111:6347-6352 doi:10.1073/pnas.1305499111

Brando PM et al. (2012) Fire-induced tree mortality in a neotropical forest: the roles of bark traits, tree size, wood density and fire behavior. Global Change Biology 18:630-641

Cochrane MA (2001) Synergistic Interactions between Habitat Fragmentation and Fire in Evergreen Tropical Forests. Conservation Biology 15:1515-1521 doi:10.1046/j.1523-1739.2001.01091.x

Cochrane MA et al. (1999) Positive Feedbacks in the Fire Dynamic of Closed Canopy Tropical Forests. Science 284:1832-1835 doi:10.1126/science.284.5421.1832

Morton DC, Le Page Y, DeFries R, Collatz GJ, Hurtt GC (2013) Understorey fire frequency and the fate of burned forests in southern Amazonia. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences 368:20120163

Nepstad DC et al. (1999) Large-scale impoverishment of Amazonian forests by logging and fire. Nature 398:505-508

Pivello VR (2011) The use of fire in the Cerrado and Amazonian rainforests of Brazil: past and present. Fire ecology 7:24-39

Ray D, Nepstad D, Moutinho P (2005) Micrometeorological and canopy controls of fire susceptibility in a forested amazon landscape. Ecological Applications 15:1664-1678 doi:10.1890/05-0404

Uhl C, Kauffman JB (1990) Deforestation, fire susceptibility, and potential tree responses to fire in the eastern Amazon. Ecology 71:437-449

CHAPTER ONE

FIRE IN THE AMAZON: IMPACT OF EXPERIMENTAL FUEL ADDITION ON RESPONSES OF ANTS AND THEIR INTERACTIONS WITH MYRMECOCHOROUS SEEDS

Artigo submetido à revista Oecologia

Fire in the Amazon: impact of experimental fuel addition on responses of ants and their interactions with myrmecochorous seeds

Authors: Lucas N. Paolucci[1*]; Maria L. B. Maia[1]; Ricardo R. C. Solar[1]; Ricardo I. Campos[2]; José H. Schoereder[2] and Alan N. Andersen[3].

[1] Programa de Pós-Graduação em Ecologia; [2] Departamento de Biologia Geral, Universidade Federal de Viçosa, Av. P.H. Rolfs, s/n, *Campus Universitário*, CEP 36570-000, Viçosa, MG, Brasil. [3] CSIRO Land and Water, Tropical Ecosystems Research Centre PMB 44, Winnellie, NT, 0822, Australia.

*Corresponding author. E-mail: lucaspaolucci@gmail.com

Abstract

The widespread clearing of tropical forests causes lower tree cover, drier microclimate, and higher and drier fuel loads of forest edges, increasing the risk of fire occurrence and its intensity. We used a manipulative field experiment to investigate the influence of fire and fuel loads on ant communities and their interactions with myrmecochorous seeds in the southern Amazon, a region currently undergoing extreme land-use. Experimental fire and fuel addition was applied to 50 x 50 m plots in six replicated blocks, and ants were sampled between 15-30 days after fires in four habitat strata: subterranean, litter, epigaeic, and arboreal. Understory fire had extensive negative effects on ant communities. Highly specialized taxa such as cryptobiotic species of the litter layer and epigaeic specialist predators were the most sensitive, but we did not find evidence of overall biotic homogenization following fire. Fire reduced rates of seed location and transport, and therefore the effectiveness of a key ecosystem service provided by ants, which we attribute to increased thermal stress. Experimental fuel addition had only minor effects on attributes of fire severity, and had limited effects on ant responses to fire. Our findings indicate that enhanced fuel loads will not decrease ant diversity and ecosystem services through increased fire severity, at least in wetter years. However, higher fuel loads can still have an important effect on ant diversity in Amazonian rainforests because it increases the risk of fire occurrence, which has a detrimental impact on ant communities and a key ecosystem service they provide.

Key words: Ecosystem services, fuel loads, seed removal, tropical forest, understory fires.

Introduction

Fire is a dominant agent of disturbance worldwide, shaping global patterns of vegetation structure and biodiversity (Bond et al. 2005; Bowman et al. 2009). The biotas of fire-prone biomes are usually highly resilient to fire as a consequence of their association with it over evolutionary time (Bond and van Wilgen 1996; Whelan 1995). However, fire-prone biomes often occur in close juxtaposition with less-flammable habitats whose biotas do not have an evolutionary association with frequent fire. Fire can penetrate such habitats if unusual fuel conditions allow it, thus posing a risk to their fire-sensitive biotas.

Throughout high rainfall regions of the seasonal tropics, highly fire-prone savannas often occur in close juxtaposition with rainforest, with the boundary between these biomes being determined largely by fire (Bowman 2000; Hoffmann et al. 2009; Hopkins 1992). A lack of grassy fuels, moist litter and humid microclimate in rainforest combine to form a fire barrier, such that the forest-savanna boundary is often extremely abrupt (Bowman 2000). However, if fire penetrates rainforest it can cause substantial top kill of trees (Hoffmann et al. 2009; Uhl and Kauffman 1990), and such degradation of forest structure has severe consequences for its shade-adapted fauna (Barlow and Silveira 2009). For example, fire in central Amazonian forests negatively affects specialist vertebrate species (Barlow et al. 2002; Barlow and Peres 2006; Mestre et al. 2013; Peres et al. 2003), and has marked impacts on the composition of litter-dwelling insects (Silveira et al. 2015).

The rainforest-savanna transitional region of the southern Amazon has recently undergone extreme land-use change (Hansen et al. 2008), and the forests are now highly fragmented. The expansion of agriculture (Macedo et al. 2012), livestock grazing (Soares-Filho et al. 2006) and selective logging (Nepstad et al. 1999) in this region has increased the flammability of forest edges, due to lower tree cover, drier microclimate, and invasion by exotic grasses (Balch et al. 2015; Cochrane 2001; Cochrane and Schulze 1999; Silvério et al. 2013). The resultant higher and drier fuel loads not only increase fire occurrence, but can also lead to increased fire intensity due to higher flame heights and faster rates of spread (Balch et al. 2015; Balch et al. 2008; Ray et al. 2005). The increased fire-proneness of such transitional regions has resulted in substantial mortality of trees and lianas (Balch et al. 2011; Brando et al. 2014), declines in carbon storage (Balch et al. 2015), disruption of plant regeneration process (Balch et al. 2013; Massad et al. 2013), and the further establishment of exotic grasses (Silvério et al. 2013). However, the consequences of increased fire intensity due to enhanced fuel loads for the fauna are poorly known.

Ants are a dominant faunal group throughout the tropics, contributing a large proportion of total faunal biomass and playing a wide range of key ecological roles (Del Toro et al. 2012; Folgarait 1998). They are highly sensitive to anthropogenic disturbances (Hoffmann and Andersen 2003; Philpott et al. 2010), and are widely used as indicators of broader ecological change (Andersen and Majer 2004; Majer et al. 2007). Disturbance leads to predictable change in the functional composition of ant communities, and such functional change can help provide a mechanistic understanding of ecosystem change (Hoffmann and Andersen 2003; Leal et al. 2012).

The effects of fire on ant communities can be through direct mortality (Kimuyu et al. 2014), but are primarily indirect, through alterations in habitat structure and food resources (Andersen et al. 2007). Fire typically has a negative impact on specialist forest-adapted ant species, which tend to be patchily distributed and especially sensitive to disturbance, and favors generalists along with thermophilic species characteristic of open habitats (Andersen et al. 2014; Andersen et al. 2012;

Frizzo et al. 2012). Fire-mediated changes in forest structure have a marked impact on litter-dwelling ant communities in the Amazon (Silveira et al. 2013; Silveira et al. 2012; Silveira et al. 2015), and this can have important implications for ecological services provided by ants. For example, ants are key seed dispersers, and rates of seed removal can increase following fire because habitat simplification leads to increased foraging ranges of ant species (Andersen 1988; Beaumont et al. 2011; Parr et al. 2007).

Here we use a manipulative field experiment to investigate the influence of fire and enhanced fuel loads on rainforest ants and their interactions with myrmecochorous seeds in the Amazonian-Cerrado transitional region in the southern Amazon. We test four hypotheses.

First, we hypothesize that fire will have an overall negative effect on ant abundance and species richness, but such effects will vary according to the functional characteristics of ant species and the habitat stratum in which they occur. We expect that litter-dwelling species will be most affected, because their habitat is directly consumed by fire, and that subterranean and arboreal species will remain largely unaffected, because their habitat strata are not burnt. We expect epigaeic species to be differentially affected according to their functional characteristics, with highly specialized taxa most sensitive (Hoffmann and Andersen 2003; Leal et al. 2012).

Second, we hypothesize that fire will lead to biotic homogenization (Solar et al. 2015; Tabarelli et al. 2012) through the elimination of specialized species (McKinney and Lockwood 1999; Olden and Poff 2003), which tend to be patchily distributed and especially sensitive to disturbance, and the favoring of widespread, disturbance-tolerant generalists. We expect that fire will result in a convergence of ant communities dominated by disturbance-tolerant opportunistic species.

Third, we hypothesize that the magnitude of the effects of fire on ant communities will be related to fire attributes associated with intensity and severity, and that fuel addition will exacerbate the effects of fire on ant communities because it will promote these attributes.

Finally, since seed-dispersing ants are typically unspecialized epigaeic species (Andersen 1997), we expect their populations to be little affected by fire. We hypothesize that seeds will be found faster in burned treatments because of increased foraging efficiency due to fire-induced simplification of ground-layer habitat structure (Parr et al. 2007).

Materials and Methods

Study site

This study was conducted in a privately-owned property located 75 km north of Canarana, Mato Grosso state, Brazil, in the southern Amazon basin (12º49’70”S, 52º21’65”W). The vegetation is tropical evergreen forest, typical of the transitional region between the *Cerrado* (savanna) and central Amazon rainforest, and shows no signs of previous disturbance by fire or logging. The area has lower tree and liana diversity in comparison with central Amazon forests, as well as a high dominance of nine tree species, mainly from Lauraceae and Burseraceae, which represent 50% of the Importance Value Index (Balch et al. 2008). The climate is tropical humid, with average annual rainfall of 1,770 mm and a marked dry season (<10 mm/month) between May and September (Rocha et al. 2014). Rainfall was unusually high in the study year (2,309 mm), especially when compared with the average of the four years prior to the experiment (1,563 mm; data collected at a meteorological station located 21 km from the study site).

Fire experiment

The experiment had a fully-replicated block design with six blocks, each composed of three 50 x 50 m plots, separated by trails approximately 2-m in width. Each block included three treatments: Control – unburned; B0 – burned without fuel manipulation; and B+ – burned with an average of 50% addition (~3.2 Mg ha^{-1}) of fine fuel (dead leaves and twigs). The added fuel was obtained from nearby areas, and transferred to the treated plots two days prior to burning. Burning occurred on 27–29 August 2013, at the end of dry season. Two blocks were burned per day, and the fires lasted for approximately one hour in each plot. The burns were carried out in the driest period of the day (early afternoon, between 12:30 and 13:30 pm), using kerosene drip torches. Wind speed was low (0.77 m s^{-1}) in the understory, and had no effect on fire behavior. The experimental site has < 2% of slope and was surrounded by undisturbed forest for at least 1 km in all directions. Average daytime air temperature during the four months prior the experiment was lower than the long-term averages, while precipitation and relative humidity were higher, which led to below-average fire danger (Brando et al. 2016). All litter was removed from the outer 5 m of each plot to act as a fire break, such that areas of 40 x 40 m were actually burned.

Details of the effects of fuel addition on fire rate of spread (m min^{-1}), flame height (cm), proportion of burned area (%), total fuel consumption (MgC ha^{-1}), frontal fire intensity (kW m^{-1}), and leaf area index (LAI; used as an estimate for canopy cover) are provided by Brando et al. (2016). In summary, fine fuel addition was associated with a 20% increase in the proportion of burned area (B0 = 0.68 ± 0.03, B+ = 0.88 ± 0.01; mean ± SE, $P < 0.01$), an increase of 10 cm in flame height (B0 = 23.87 ± 2.22; B+ = 33.81 ± 7.32; $P < 0.05$), and of 3 MgC ha^{-1} in fine fuel consumption (B0 = 9.62 ± 0.62; B+ = 12.25 ± 2.35; $P < 0.05$). Fuel addition did not influence fire rate of spread or fire intensity. LAI did not differ among treatments prior to the experiment, but following the fires it decreased by 25% in B+ and by 10% in B0 treatments (from 4.6 m^2 m^{-2} to 3.5 m^2 m^{-2} and from 4.6 m^2 m^{-2} to 4.1 m^2 m^{-2} respectively), while remaining unchanged in the Control.

Ant sampling

Ant sampling commenced 15 days after the last fires, and continued for two weeks. In each plot we established a 5 x 2 grid of sampling stations with 10 m spacing. Each sampling station consisted of three unbaited pitfall traps – one subterranean, one epigaeic and one arboreal, as well as a 1 m^2 litter sample. All pitfall traps were 5 cm in diameter, partly filled with a salt solution and detergent, and left open for 48 hours. We buried the subterranean pitfalls 15 cm deep; they had lids to avoid filling with soil, and four 1 cm-diam holes in their sides to allow ant entry. We buried the epigaeic traps with their rims flush to the soil surface, and tied arboreal traps at a height of 2 m to the trunk of the nearest tree with DBH >10 cm. We sifted litter samples and placed in mini-Winkler extractors for 48 hours at ambient temperature.

Seed removal

We established a 5 x 5 grid of seed depots with 2 m spacing in the centre of each plot to quantify rates of seed removal, as the basis of successful seed dispersal

(Leal et al. 2015; Leal et al. 2007). We also measured rates of cheating, whereby ants feed on the elaiosome *in situ*, without seed removal (Andersen and Morrison 1998; Leal et al. 2014b). A single seed of *Mabea fistulifera* (Euphorbiaceae), a myrmecochorous shrub that occurs naturally in the region, was placed on a white piece of paper (10 x 15 cm) at each depot. Seeds were collected one month prior to the experiment, and refrigerated during this period. After setting the 25 depots in a plot, we walked around the area for one hour, noting the time that each removal event (defined as moving a distance >5 cm) occurred, and, where observed, the identity of the ant responsible. If the ant was not observed, we replaced the seed to make further observations on the ant species responsible for removal (but any subsequent removal was not included in analysis of rates of removal). We also noted "cheating" events, defined as ants remaining for at least 15 minutes feeding on the elaiosome. In order to cover different ant activity periods, we conducted these trials twice in each plot, once in the morning (between 9:00-11:00 am) and again in the afternoon (between 3:00-5:00 pm).

Ant functional groups

We classified ants into functional groups following Leal et al. (2012), who adapted the global scheme of Andersen (1995) to be more specific to Neotropical rainforest (see also Delabie et al. 2000). There was one exception: we considered all species from the genus *Camponotus* as a separate group, Subordinate Camponotini. The other groups were: Cryptic Predators; Cryptic Omnivores; Epigaeic Predators; Epigaeic Omnivores; Arboreal Dominants; Arboreal Subordinates; Opportunists; Army Ants; Leaf-cutting fungus-growing ants; and Non leaf-cutting fungus-growing ants (Electronic supplementary material, Table S1).

Data analysis

In all cases, our unit of analysis was plot, with data combined across sampling stations, and considering each stratum separately. We fitted generalized linear mixed models (GLMMs) with total ant species richness, abundance, and the abundance of common functional groups as response variables. We calculated species and functional group abundances as the sum of frequencies of any species and component species of each group, respectively. Only those functional groups with abundance ≥15 in the analyzed stratum were considered. In all GLMM analyses we set block as a random factor to account for the hierarchical spatial nature of the sampling design, and used Poisson distribution as response variables were count-data. We performed pairwise contrast analyses (Crawley 2012) to evaluate differences among treatments.

We evaluated if ant species and functional group composition differed among treatments by performing a permutational multivariate analysis of variance based on Jaccard's dissimilarity (which is more suitable for presence/absence data) and with 5,000 permutations (PERMANOVA; Anderson 2001). We accounted for the hierarchical spatial nature of the sampling design by allowing randomizations to occur only within each block (Oksanen et al. 2015).

We tested the hypothesis that fire leads to biotic homogenization by evaluating whether β diversity differed among plots across treatments through a test for homogeneity of multivariate dispersions (PERMDISP; Anderson 2006; Anderson et al. 2006). This test computes a *F*-statistic to compare the average distance of each plot to their treatment median, which is defined in space by the dissimilarity index used (Sørensen pairwise dissimilarity in this case, which includes both turnover and nestedness components of β diversity). To test if the dispersions are different among treatments we used a permutation test (999 permutations). As the same β diversity value can be generated by different mechanisms, replacement and nestedness (Baselga 2010; Baselga 2012), we tested if the contribution of the nestedness component is higher for the B+ treatment by conducting the same procedures described above, but using the nestedness-fraction of Sørensen pairwise dissimilarity.

We performed hierarchical partitioning to estimate the independent contribution of fire attributes and LAI to both ant species richness and abundance, and evaluated if each factor accounted for a greater unique variation than expected by chance by using a randomization test with 5,000 randomizations, based on an upper confidence limit of 0.95% ($Z \geq 1.65$) (Mac Nally 2002). For this analysis, only data from burnt plots (B0 and B+) were used, as fire attributes do not apply to Control plots. There was no significant effect of blocks in any variables, and therefore no spatial autocorrelation. All models were built with a Poisson distribution. The direction of significant relationships was assessed with Pearson correlation analysis.

We compared the time for the seeds to be discovered in each treatment through a survival analysis. We built a model using the Weibull distribution, with fire treatments as explanatory variables and time for occurrence of each event (either removal or cheating) as the response variable. In order to account for the hierarchical spatial nature of our sampling design, we set blocks as a frailty random effect in the model, with gamma distribution. We also analyzed if the proportion of seed removal and cheating events varied among treatments by fitting GLMMs with block as a random factor and binomial distribution. Events for each plot were summed across the two sampling periods, giving a maximum of 50 possible events per plot.

We conducted all analysis in the software R (R Core Team 2015), and analyzed the residuals to check for distribution suitability and homoscedasticity in all models. For all GLMM models we calculated the conditional coefficient of determination $R^2_{(c)}$ following (Nakagawa and Schielzeth 2013), which represents the proportion of variance explained by the fixed and random effects combined. We checked for overdispersion in all GLM and GLMM models. When detected, we asserted a Quasi-poisson correction in the former, and fitted a Poisson-lognormal model in the latter, which is a simple and robust method to account for overdispersion in mixed models with count data (Harrison 2014). We used the *lme4 v1.1-7* package (Bates et al. 2014) to build GLMMs models, *betapart v1.3* package (Baselga et al. 2013) to calculate the pairwise dissimilarities, and the package *vegan* v2.3 (Oksanen et al. 2015) to PERMANOVA and PERMDISP tests. Diversity partitioning analyses were conducted using the *hier.part v1.0-4* (Walsh et al. 2013), and survival analyses with the *survival v2.38-1* package (Therneau and Grambsch 2015).

Results

We recorded 201 ant species, from 44 genera and 7 subfamilies, with 46, 118, 63, and 83 species occurring in the subterranean, epigaeic and arboreal traps and litter samples respectively (Table S2). There were no treatment differences in ant abundance in the epigaeic stratum, whereas B+ plots had the lowest mean ant abundance for the subterranean ($R^2_{(c)} = 0.53$, $P = 0.03$), litter ($R^2_{(c)} = 0.70$, $P = 0.02$) and arboreal strata ($R^2_{(c)} = 0.35$, $P = 0.01$) (Fig. 1). There were no treatment differences in ant richness in the arboreal stratum, but mean species richness was highest in Control plots for the subterranean ($R^2_{(c)} = 0.39$, $P = 0.05$), litter ($R^2_{(c)} = 0.67$, $P = 0.01$) and epigaeic strata ($R^2_{(c)} = 0.21$, $P = 0.03$) (Fig. 2). In each case there was no difference in mean richness between the two burning treatments. Reductions in total abundance and species richness in burnt plots were highest (75% and 38% respectively) in the litter stratum, where the abundances of Arboreal Dominants ($R^2_{(c)} = 0.36$, $P = 0.02$), Cryptic Omnivores ($R^2_{(c)} = 0.55$, $P = 0.03$) and Epigaeic Predators ($R^2_{(c)} = 0.5$, $P < 0.01$) were highest in Control plots (Fig. 3). The abundance of Cryptic Predators ($R^2_{(c)} = 0.73$, $P < 0.01$) and Subordinate Camponotini ($R^2_{(c)} = 0.67$, $P < 0.01$) in the litter stratum was lowest in B+ plots. In the epigaeic stratum, Epigaeic Predators were most abundant in Control plots ($R^2_{(c)} = 0.29$, $P = 0.01$) (Fig. 3). Other groups and strata either showed no significant variation, or did not have enough occurrences (abundance ≤ 15) for analysis.

There were no significant differences in ant species composition among treatments in any strata: subterranean (PERMANOVA $F_{2,15} = 0.68$; $P = 0.88$), litter ($F_{2,15} = 0.90$; $P = 0.21$), epigaeic ($F_{2,15} = 0.86$; $P = 0.71$), and arboreal ($F_{2,15} = 1.08$; $P = 0.36$). Likewise, the composition of functional groups did not differ among treatments in either subterranean (PERMANOVA $F_{2,15} = 0.24$; $P = 0.98$), litter ($F_{2,15} = 1.06$; $P = 0.06$), epigaeic ($F_{2,15} = 0.39$; $P = 0.79$) or arboreal ($F_{2,15} = 0.43$; $P = 0.87$) strata. We also found no evidence of faunal convergence among burnt plots, as total β diversity did not differ among treatments in any strata: subterranean (PERMDISP $F_{2,15} = 0.1$; $P = 0.9$), epigaeic ($F_{2,15} = 0.23$; $P = 0.78$), litter ($F_{2,15} = 0.69$; $P = 0.51$) or arboreal ($F_{2,15} = 0.1$; $P = 0.90$). The nestedness component did not differentially explain total β diversity among treatments in either the subterranean (PERMDISP $F_{2,15} = 0.47$; $P = 0.63$), epigaeic ($F_{2,15} = 2.33$; $P = 0.12$), litter ($F_{2,15} = 1.35$; $P = 0.29$) or arboreal stratum ($F_{2,15} = 1.01$; $P = 0.38$).

With just one exception, variation in neither ant abundance nor species richness in any stratum was related to either LAI or any of the fire variables. The single exception was that epigaeic ant abundance was negatively related to Proportion of Burned Area (z-score = 1.74), which explained 26.7% of total deviance.

Six ant species (of *Pheidole*, *Trachymyrmex* and *Crematogaster*) were observed removing seeds, and 25 were observed cheating by feeding on elaiosomes without removal (Table S2). The mean time for ants to discover a seed (independent of it leading to removal or cheating) was lower in the Control (43.8 min ± 1.22; mean ± SE) than in B0 (45.77 min ± 1.19; $P = 0.05$), which in turn was lower than in B+ plots (49.18 min ± 1.10; $P = 0.02$; Fig. 4). The mean total abundance of species interacting with seeds was lower in B+ plots (35.66 ± 4.97; mean ± SE; $R^2_{(c)} = 0.45$, $P = 0.02$) than in the Control (48.66 ± 4.19) and B0 (45.16 ± 6.09), which did not differ from each other. The averaged proportion of seed removal (over 1 hr) was higher in the Control ($R^2_{(c)} = 0.12$, $P < 0.01$) than in B0 and B+ (Fig. 5), which did not differ from each other. The abundances of remover species did not differ across treatments ($P = 0.23$). Rates of cheating did not differ across treatments ($P = 0.23$) (Fig. 5), but the abundances of cheater species were lower in B+ plots ($R^2_{(c)} = 0.67$, $P < 0.01$) than in Control and B0 plots, which did not differ from each other.

Discussion

Our study experimentally addressed how fire affects shade-adapted Amazonian ant communities from all four habitat strata and an important service they provide to plants, as well as the extent to which such effects are exacerbated by fuel addition. We first hypothesized that fire will have an overall negative effect on ant abundance and species richness, but such effects will vary according to the functional characteristics of ant species and the habitat stratum in which they occur. As we expected, litter-dwelling ants were the most affected by fires, with highest reductions in both abundance and species richness. Most litter-dwelling species nest in litter rather than within soil (Byrne 1994), and so would suffer substantial mortality during fire either through direct consumption or through radiant heat (Swengel 2001). Indirect effects due to the removal of litter also cause declines in litter-dwelling ants after fire through loss of habitat (Vasconcelos et al. 2009), including loss of nest sites (such ants are nest-site limited; Jiménez-Soto and Philpott 2015).

As also predicted, the ants most sensitive to fire in the epigaeic stratum were highly specialized species – fire caused a decrease in the abundance of Specialist Predators, but did not affect the abundance of any other functional group. Epigaeic predators are large bodied and occupy the highest trophic position among ants; both these traits make insects especially sensitive to disturbance (e.g. Andrade et al. 2014; Filgueiras et al. 2011; Leal et al. 2014a).

As we predicted, arboreal species remained relatively unaffected by our experimental burning, because the arboreal stratum is mostly removed from direct effects of understory fire. However, contrary to our prediction, fire had a marked effect on the abundance and species richness of subterranean ants, reducing both by about 30%. This is the first study investigating the effects of fire on a subterranean ant fauna, and its sensitivity to fire contrasts with the resilience of below-ground arthropods shown in previous studies (reviewed by Swengel 2001). The heating effects of fire are usually negligible below the top 5 cm of soil (DeBano 2000), and so the majority of arthropods in the soil are not affected. However, most ant species collected in subterranean traps also occur in the soil-litter interface (Andersen and Brault 2010), and so the marked reductions in subterranean catches that we observed in burnt plots likely reflect the effects of fire on the litter fauna.

Our second hypothesis was that fire would lead to biotic homogenization by eliminating patchily distributed specialists and favoring widespread generalists. Fire did reduce species richness and had a particular effect on highly specialized species (Specialist Predators). However, we found no evidence of overall biotic homogenization, as shown by a lack of treatment variation in either total β diversity or its nestedness component. There was also little evidence for biotic homogenization of litter-dwelling ant communities after fire in the central Amazon (Silveira et al. 2015). This can be explained by the highly patchy nature of understory fires in the Amazon due to low fuel loads and variation in fuel moisture (Balch et al. 2008), which produces a fine-scale mosaic of burned and unburned areas. Such a mosaic would enable even highly sensitive species to persist in unburnt refuges, although at lower overall levels of abundance.

Biotic homogenization is not only a product of differential extinction, but can also be a result of post-disturbance invasion by similar species (Olden and Poff 2003). However, there was not enough time for this to be a major factor in our study, given that we sampled within a month after experimental fires and it is unlikely that ants could re-colonize the area in such a short period. Ant composition did not change after eight months or 10 years following fire at a nearby site (Silveira et al. 2013), which suggests that for this level of post-fire impact, invasion by disturbance-promoted species is not an issue in such forests even in the longer term. The lack of biotic homogenization of ant communities following fire in the Amazon is in striking contrast to the high biotic homogenization that follows the conversion of forests to agricultural landscapes (Solar et al. 2015).

Our third hypothesis was that the magnitude of the effects of fire will be directly related to fire attributes associated with intensity and severity. We found only very weak support for this. There was a negative correlation between the proportion of burned area and the abundance of epigaeic ants, but we found no relationship between flame height, total fuel consumption, fire rate of spread or frontal fire intensity and any measure of ant abundance or richness. Fuel addition reduced overall ant abundance in the subterranean, litter and arboreal strata, but fuel loads had only minor effects on fire attributes. This appears to be typical for non-drought years across the southern Amazon (Balch et al. 2011). Fires are far more intense during drought years (Brando et al. 2014) and our experiment was conducted during an unusually wet year; the relationship between fuel loads and fire attributes, and the effects of fuel addition on ant communities, might be stronger during drier years.

Our final hypothesis was that seeds will be found faster in burned treatments because of increased foraging efficiency. We actually found the reverse: seeds were located fastest, and rates of removal were highest, in Control plots. The abundances of species interacting with seeds did not differ between Control and B0 plots, and the abundances of remover species did not differ across treatments. We therefore attribute the treatment differences in the rates at which seeds were located and removed to the reductions in canopy cover (as measured by LAI) caused by fire, with the warmer and drier microclimate (Uhl and Kauffman 1990) limiting the activity of rainforest ant species due to thermal stress (Levings 1983). This contrasts with the situation in open habitats dominated by thermophilic species, where fire promotes an increase in ant activity (Andersen 1988; Parr et al. 2007). The slower removal of myrmecochorous seeds that we observed following fire makes them more vulnerable to seed predators (Turnbull and Culver 1983).

In conclusion, low intensity understory fire had extensive negative effects on southern Amazonian ant communities, with highly specialized taxa (cryptobiotic species of the litter layer, and epigaeic specialist predators) being most sensitive. Fire reduced the effectiveness of a key ecosystem service provided by ants, which we attribute to reductions in foraging activity due to increased thermal stress. Our findings indicate that enhanced fuel loads at rainforest margins will not directly decrease ant biodiversity and ecosystem services through increased fire severity, at least in wet years. However, higher fuel loads can still have an important negative effect on ant diversity in Amazonian rainforests by increasing the risk of fire occurrence (Balch et al. 2015), which has a detrimental impact on ant communities and a key ecosystem service they provide.

Acknowledgements

We thank M. Padilha for his field assistance, T. Reis and F. Nery for helping with ant sorting, and R. Jesus and J. Chaul for assisting with ant identification. The fire experiment was conducted by the Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), and its staff provided field support. P. Brando and C. Oliveira-Santos provided fire data and information about the site. A. Maggi provided access to the field site and logistical support. This study was supported by the Gordon and Betty Moore Foundation, the National Science Foundation (Division of Environmental Biology Grant 1146206), and Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). LNP and RRCS are supported by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) grants, MLB is supported by FAPEMIG grants, and JHS and LNP (process 205659/2014-4) are supported by Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) grants.

References

Andersen A (1997) Functional groups and patterns of organization in North American ant communities: a comparison with Australia. Journal of biogeography 24:433-460

Andersen A, Brault A (2010) Exploring a new biodiversity frontier: subterranean ants in northern Australia. Biodiversity and Conservation 19:2741-2750 doi:10.1007/s10531-010-9874-1

Andersen A, Majer JD (2004) Ants show the way down under: invertebrate as bioindicators in land management. Frontiers in Ecology and the Environment 2:291-298

Andersen AN (1988) Immediate and longer‐term effects of fire on seed predation by ants in sclerophyllous vegetation in south‐eastern Australia. Australian Journal of Ecology 13:285-293

Andersen AN (1995) A classification of Australian ant communities, based on functional groups which parallel plant life-forms in relation to stress and disturbance. Journal of Biogeography:15-29

Andersen AN, Morrison SC (1998) Myrmecochory in Australia's seasonal tropics: effects of disturbance on distance dispersal. Australian Journal of Ecology 23:483-491

Andersen AN, Parr CL, Lowe LM, Müller WJ (2007) Contrasting fire‐related resilience of ecologically dominant ants in tropical savannas of northern Australia. Diversity and distributions 13:438-446

Andersen AN, Ribbons RR, Pettit M, Parr CL (2014) Burning for biodiversity: highly resilient ant communities respond only to strongly contrasting fire regimes in Australia's seasonal tropics. Journal of Applied Ecology

Andersen AN, Woinarski JCZ, Parr CL (2012) Savanna burning for biodiversity: fire management for faunal conservation in Australian tropical savannas. Austral Ecology 37:658-667

Anderson MJ (2001) A new method for non-parametric multivariate analysis of variance. Austral ecology 26:32-46

Anderson MJ (2006) Distance-Based Tests for Homogeneity of Multivariate Dispersions. Biometrics 62:245-253

Anderson MJ, Ellingsen KE, McArdle BH (2006) Multivariate dispersion as a measure of beta diversity. Ecology Letters 9:683-693

Andrade RB, Barlow J, Louzada J, Vaz-de-Mello FZ, Silveira JM, Cochrane MA (2014) Tropical forest fires and biodiversity: dung beetle community and biomass responses in a northern Brazilian Amazon forest. Journal of Insect Conservation 18:1097-1104

Balch JK et al. (2015) The Susceptibility of Southeastern Amazon Forests to Fire: Insights from a Large-Scale Burn Experiment. BioScience 65:893-905

Balch JK, Massad TJ, Brando PM, Nepstad DC, Curran LM (2013) Effects of high-frequency understorey fires on woody plant regeneration in southeastern Amazonian forests. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences 368:20120157

Balch JK et al. (2008) Negative fire feedback in a transitional forest of southeastern Amazonia. Global Change Biology 14:2276-2287 doi:10.1111/j.1365-2486.2008.01655.x

Balch JK et al. (2011) Size, species, and fire behavior predict tree and liana mortality from experimental burns in the Brazilian Amazon. Forest Ecology and Management 261:68-77

Barlow J, Haugaasen T, Peres CA (2002) Effects of ground fires on understorey bird assemblages in Amazonian forests. Biological Conservation 105:157-169

Barlow J, Peres CA (2006) Effects of single and recurrent wildfires on fruit production and large vertebrate abundance in a central Amazonian forest. Biodiversity & Conservation 15:985-1012

Barlow J, Silveira JM (2009) The consequences of fire for the fauna of humid tropical forests. In: Cochrane MA (ed) Tropical Fire Ecology: Climate Change, Land Use, and Ecosystem Dynamics. Springer Berlin Heidelberg, Chichester, UK, pp 543-556

Baselga A (2010) Partitioning the turnover and nestedness components of beta diversity. Global Ecology and Biogeography 19:134-143 doi:10.1111/j.1466-8238.2009.00490.x

Baselga A (2012) The relationship between species replacement, dissimilarity derived from nestedness, and nestedness. Global Ecology and Biogeography 21:1223-1232

Baselga A, Orme D, Villeger S, De Bortoli J, Leprieur F (2013) betapart: Partitioning beta diversity into turnover and nestedness components. R package version 1.3

Bates D et al. (2014) Package ‘lme4’. R Foundation for Statistical Computing, Vienna

Beaumont KP, Mackay DA, Whalen MA (2011) Interactions between ants and seeds of two myrmecochorous plant species in recently burnt and long-unburnt forest sites. Austral Ecology 36:767-778

Bond WJ, van Wilgen BW (1996) Fire and plants. Chapman & Hall, London

Bond WJ, Woodward FI, Midgley GF (2005) The global distribution of ecosystems in a world without fire. New Phytologist 165:525-538 doi:10.1111/j.1469-8137.2004.01252.x

Bowman DM (2000) Australian rainforests: islands of green in a land of fire. Cambridge University Press, Cambridge, UK

Bowman DM et al. (2009) Fire in the Earth system. science 324:481-484

Brando P, Oliveira-Santos C, Rocha W, Cury R, Coe M (2016) Effects of experimental fuel additions on fire intensity and severity: unexpected carbon resilience of a Neotropical forest. Global Change Biology

Brando PM et al. (2014) Abrupt increases in Amazonian tree mortality due to drought–fire interactions. Proceedings of the National Academy of Sciences 111:6347-6352 doi:10.1073/pnas.1305499111

Cochrane MA (2001) Synergistic Interactions between Habitat Fragmentation and Fire in Evergreen Tropical Forests. Conservation Biology 15:1515-1521 doi:10.1046/j.1523-1739.2001.01091.x

Cochrane MA, Schulze MD (1999) Fire as a Recurrent Event in Tropical Forests of the Eastern Amazon: Effects on Forest Structure, Biomass, and Species Composition1. Biotropica 31:2-16 doi:10.1111/j.1744-7429.1999.tb00112.x

Crawley MJ (2012) The R book, Second Edition edn. John Wiley & Sons, Chichester

DeBano LF (2000) The role of fire and soil heating on water repellency in wildland environments: a review. Journal of Hydrology 231–232:195-206 doi:http://dx.doi.org/10.1016/S0022-1694(00)00194-3

Del Toro I, Ribbons RR, Pelini SL (2012) The little things that run the world revisited: a review of ant-mediated ecosystem services and disservices (Hymenoptera: Formicidae). Myrmecological News 17:133-146

Delabie JH, Agosti D, Nascimento I (2000) Litter ant communities of the Brazilian Atlantic rain forest region. In: Agosti D, Majer J, Alonso L, Schultz T (eds)

Sampling Ground-dwelling Ants: case studies from the world's rain forests. Curtin University, Perth, pp 1-17

Filgueiras BKC, Iannuzzi L, Leal IR (2011) Habitat fragmentation alters the structure of dung beetle communities in the Atlantic Forest. Biological Conservation 144:362-369 doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.biocon.2010.09.013

Folgarait PJ (1998) Ant biodiversity and its relationship to ecosystem functioning: a review. Biodiversity and Conservation 7:1221-1244 doi:10.1023/a:1008891901953

Frizzo TLM, Campos RI, Vasconcelos HL (2012) Contrasting Effects of Fire on Arboreal and Ground-Dwelling Ant Communities of a Neotropical Savanna. Biotropica 44:254-261

Hansen MC et al. (2008) Humid tropical forest clearing from 2000 to 2005 quantified by using multitemporal and multiresolution remotely sensed data. Proceedings of the National Academy of Sciences 105:9439-9444 doi:10.1073/pnas.0804042105

Harrison XA (2014) Using observation-level random effects to model overdispersion in count data in ecology and evolution. PeerJ 2:e616

Hoffmann BD, Andersen AN (2003) Responses of ants to disturbance in Australia, with particular reference to functional groups. Austral Ecology 28:444-464

Hoffmann WA et al. (2009) Tree topkill, not mortality, governs the dynamics of savanna–forest boundaries under frequent fire in central Brazil. Ecology 90:1326-1337 doi:10.1890/08-0741.1

Hopkins B (1992) Ecological processes at the forest-savanna boundary. Nature and dynamics of forest-savanna boundaries. Chapman and Hall, London:21-33

Jiménez-Soto E, Philpott SM (2015) Size matters: nest colonization patterns for twig-nesting ants. Ecology and Evolution 5:3288-3298

Kimuyu DM, Sensenig RL, Riginos C, Veblen KE, Young TP (2014) Native and domestic browsers and grazers reduce fuels, fire temperatures, and acacia ant mortality in an African savanna. Ecological Applications 24:741-749

Leal IR, Filgueiras B, Gomes J, Iannuzzi L, Andersen A (2012) Effects of habitat fragmentation on ant richness and functional composition in Brazilian Atlantic forest. Biodiversity and Conservation 21:1687-1701 doi:10.1007/s10531-012-0271-9

Leal IR, Leal LC, Andersen AN (2015) The Benefits of Myrmecochory: A Matter of Stature. Biotropica 47:281-285 doi:10.1111/btp.12213

Leal IR, Wirth R, Tabarelli M (2007) Seed dispersal by ants in the semi-arid Caatinga of north-east Brazil. Annals of Botany 99:885-894

Leal LC, Andersen AN, Leal IR (2014a) Anthropogenic disturbance reduces seed-dispersal services for myrmecochorous plants in the Brazilian Caatinga. Oecologia 174:173-181

Leal LC, Neto MCL, de Oliveira AFM, Andersen AN, Leal IR (2014b) Myrmecochores can target high-quality disperser ants: variation in elaiosome traits and ant preferences for myrmecochorous Euphorbiaceae in Brazilian Caatinga. Oecologia 174:493-500

Levings SC (1983) Seasonal, annual, and among-site variation in the ground ant community of a deciduous tropical forest: some causes of patchy species distributions. Ecological Monographs 53:435-455

Mac Nally R (2002) Multiple regression and inference in ecology and conservation biology: further comments on identifying important predictor variables. Biodiversity & Conservation 11:1397-1401

Macedo MN, DeFries RS, Morton DC, Stickler CM, Galford GL, Shimabukuro YE (2012) Decoupling of deforestation and soy production in the southern Amazon during the late 2000s. Proceedings of the National Academy of Sciences 109:1341-1346

Majer JD, Orabi G, Bisevac L (2007) Ants (Hymenoptera: Formicidae) pass the bioindicator scorecard. Myrmecological News 10:69-76

Massad TJ et al. (2013) Interactions between repeated fire, nutrients, and insect herbivores affect the recovery of diversity in the southern Amazon. Oecologia 172:219-229

McKinney ML, Lockwood JL (1999) Biotic homogenization: a few winners replacing many losers in the next mass extinction. Trends in ecology & evolution 14:450-453

Mestre LA, Cochrane MA, Barlow J (2013) Long-term Changes in Bird Communities after Wildfires in the Central Brazilian Amazon. Biotropica 45:480-488

Nakagawa S, Schielzeth H (2013) A general and simple method for obtaining R2 from generalized linear mixed-effects models. Methods in Ecology and Evolution 4:133-142

Nepstad DC et al. (1999) Large-scale impoverishment of Amazonian forests by logging and fire. Nature 398:505-508

Oksanen J, Blanchet FG, Kindt R, Oksanen MJ, Suggests M (2015) vegan: Community Ecology Package. R package version 2.2-1.:0-0

Olden JD, Poff NL (2003) Toward a mechanistic understanding and prediction of biotic homogenization. The American Naturalist 162:442-460

Parr CL, Andersen AN, Chastagnol C, Duffaud C (2007) Savanna fires increase rates and distances of seed dispersal by ants. Oecologia 151:33-41

Peres CA, Barlow J, Haugaasen T (2003) Vertebrate responses to surface wildfires in a central Amazonian forest. Oryx 37:97-109

Philpott SM, Perfecto I, Armbrecht I, Parr CL (2010) Ant diversity and function in disturbed and changing habitats. In: Lach L, Parr CL, Abbott KL (eds) Ant Ecology. Oxford University Press, Oxford, New York

R Core Team (2015) R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL http://www.R-project.org/.

Ray D, Nepstad D, Moutinho P (2005) Micrometeorological and canopy controls of fire susceptibility in a forested amazon landscape. Ecological Applications 15:1664-1678 doi:10.1890/05-0404

Rocha W et al. (2014) Ecosystem productivity and carbon cycling in intact and annually burnt forest at the dry southern limit of the Amazon rainforest (Mato Grosso, Brazil). Plant Ecology & Diversity 7:25-40

Silveira JM et al. (2013) The responses of leaf litter ant communities to wildfires in the Brazilian Amazon: a multi-region assessment. Biodiversity and conservation 22:513-529

Silveira JM, Barlow J, Andrade RB, Mestre LA, Lacau S, Cochrane MA (2012) Responses of leaf-litter ant communities to tropical forest wildfires vary with season. Journal of Tropical Ecology 28:515-518

Silveira JM et al. (2015) A Multi-Taxa Assessment of Biodiversity Change After Single and Recurrent Wildfires in a Brazilian Amazon Forest. Biotropicadoi:doi: 10.1111/btp.12267

Silvério DV et al. (2013) Testing the Amazon savannization hypothesis: fire effects on invasion of a neotropical forest by native cerrado and exotic pasture grasses. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences 368:20120427

Soares-Filho BS, Nepstad DC, Curran LM (2006) Modelling conservation in the Amazon basin. Nature 440:520-523

Solar RRC et al. (2015) How pervasive is biotic homogenization in human-modified tropical forest landscapes? Ecology Letters 18:1108-1118 doi:10.1111/ele.12494

Swengel AB (2001) A literature review of insect responses to fire, compared to other conservation managements of open habitat. Biodiversity & Conservation 10:1141-1169

Tabarelli M, Peres CA, Melo FPL (2012) The ‘few winners and many losers’ paradigm revisited: Emerging prospects for tropical forest biodiversity. Biological Conservation 155:136-140

Therneau TM, Grambsch PM (2015) A Package for Survival Analysis in S. version 2.38, http://CRAN.R-project.org/package=survival.

Turnbull CL, Culver DC (1983) The timing of seed dispersal in *Viooa nuttallii*: attraction of dispersers and avoidance of predators. Oecologia 59:360-365

Uhl C, Kauffman JB (1990) Deforestation, fire susceptibility, and potential tree responses to fire in the eastern Amazon. Ecology 71:437-449

Vasconcelos HL et al. (2009) Dynamics of the leaf-litter arthropod fauna following fire in a Neotropical woodland savanna. PLoS One 4:e7762

Walsh C, Mac Nally R, Walsh MC (2013) Package ‘hier. part’. Version

Whelan RJ (1995) The Ecology of Fire. Cambridge University Press, Cambridge, UK

Figure legends

Fig. 1 Variation in ant abundance among treatments (C = Control; B0 = No fuel addition; B+ = Fuel addition) in each habitat stratum. Bars represent standard error. Different letters indicate significant differences among treatments, according to ANOVA

Fig. 2 Variation in ant species richness among treatments (C = Control; B0 = No fuel addition; B+ = Fuel addition) in each habitat stratum. Bars represent standard error. Different letters indicate significant differences among treatments, according to ANOVA

Fig. 3 Abundances of ant functional groups that showed statistically significant variation among treatments (C = Control; B0 = No fuel addition; B+ = Fuel addition) in a habitat stratum. Bars represent standard error. Different letters indicate significant differences among treatments, according to ANOVA

Fig. 4 Variation in seed discovery time among treatments (C = Control; B0 = No fuel addition; B+ = Fuel addition). Seeds were discovered fastest in the Control, and slowest in the B+ treatment

Fig. 5 Variation in the proportion of (a) seed removal and (b) cheating among treatments (C = Control; B0 = No fuel addition; B+ = Fuel addition) after 1 hr. Bars represent standard error. Different letters indicate significant differences among treatments, according to ANOVA

Figures

Figure 1

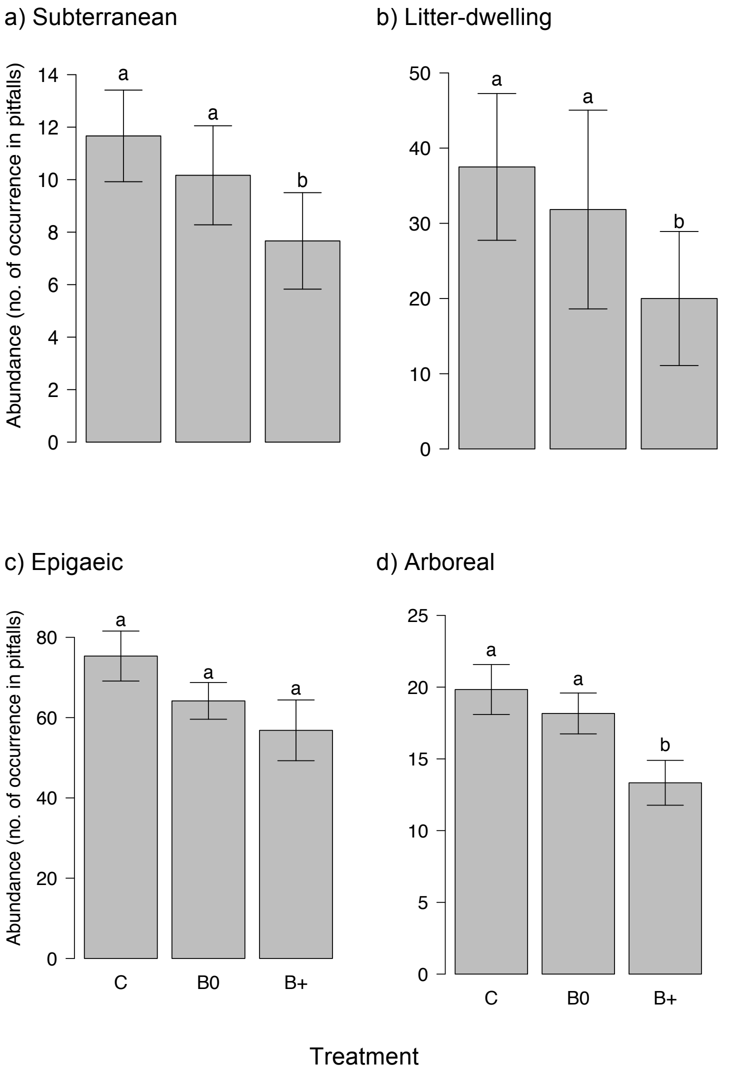
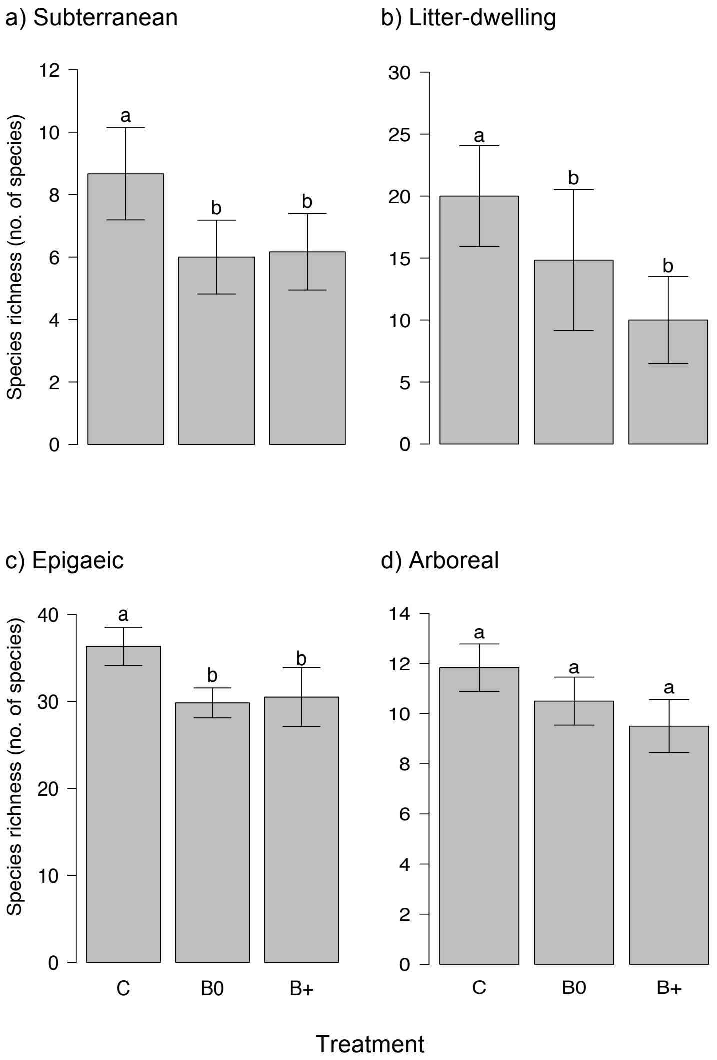


Figure 2



a) Subterranean
b) Litter-dwelling
c) Epigaeic
d) Arboreal
Species richness (no. of species)
0
2
4
6
8
10
12
a
b
b
0
5
10
15
20
25
30
a
b
b
0
10
20
30
40
a
b
b
0
2
4
6
8
10
12
14
a
a
a
C
B0
B+
C
B0
B+
Treatment

Figure 3

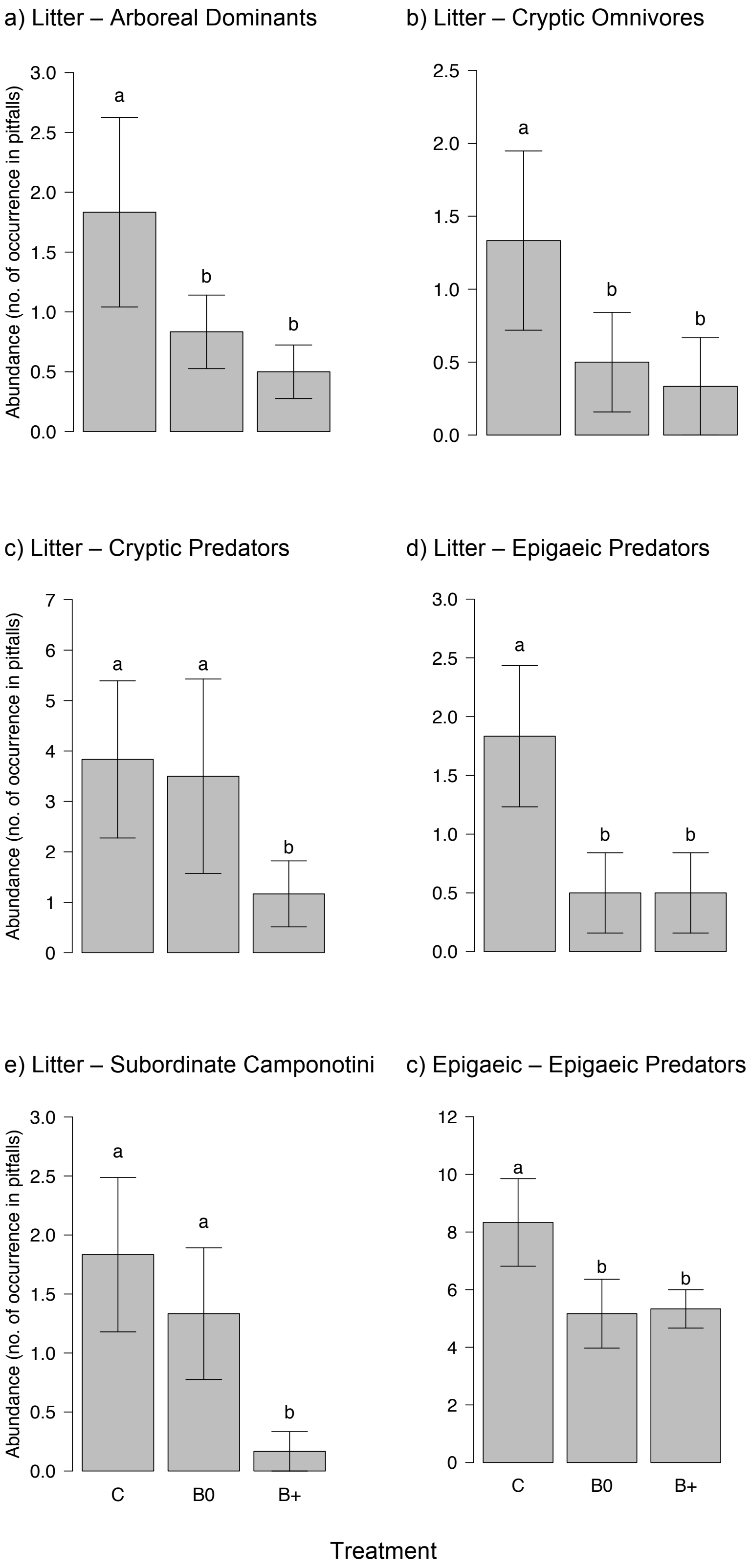

a) Litter – Arboreal Dominants
b) Litter – Cryptic Omnivores
c) Litter – Cryptic Predators
d) Litter – Epigaeic Predators
e) Litter – Subordinate Camponotini
c) Epigaeic – Epigaeic Predators
Abundance (no. of occurrence in pitfalls)
0.0
0.5
1.0
1.5
2.0
2.5
3.0
0
1
2
3
4
5
6
7
2
4
6
8
10
12
a
b
C
B0
B+
Treatment

Figure 4

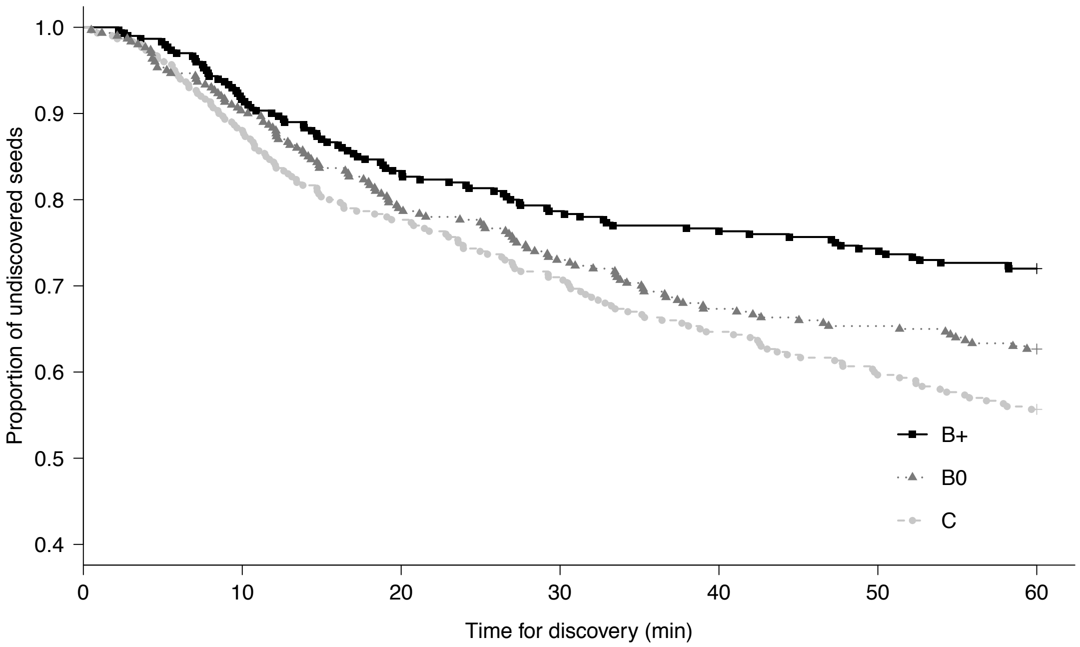
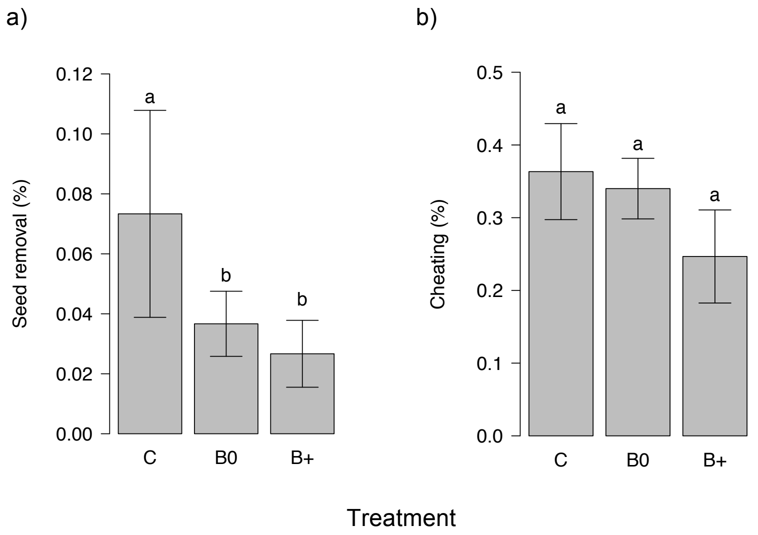

1.0
0.9
0.8
0.7
0.6
0.5
0.4
Proportion of undiscovered seeds
0
10
20
30
40
50
60
Time for discovery (min)
B+
B0
C

Figure 5


a)
b)
0.12
0.10
0.08
0.06
0.04
0.02
0.00
Seed removal (%)
a
b
b
C
B0
B+
0.5
0.4
0.3
0.2
0.1
0.0
Cheating (%)
a
a
a
C
B0
B+
Treatment

Electronic supplementary material

Table S1. Classification of ant genera into functional groups, adapted from Andersen (1995) and Leal et al. (2012).

Genus	**Functional group**
Acropyga	Cryptic Omnivores
Anochetus	Epigaeic Predators
Apterostigma	Non leaf-cutting fungus-growing ants
Atta	Leaf-cutting fungus-growing ants
Azteca	Arboreal Dominants
Basiceros	Cryptic Predators
Brachymyrmex	Opportunists
Camponotus	Subordinate Camponotini
Carebara	Cryptic Omnivores
Cephalotes	Arboreal Subordinates
Crematogaster	Arboreal Dominants
Cyphomyrmex	Non leaf-cutting fungus-growing ants
Daceton	Epigaeic Predators
Dolichoderus	Arboreal Dominants
Ectatomma	Opportunists
Gigantiops	Epigaeic Omnivores
Gnamptogenys	Epigaeic Omnivores
Hylomyrma	Epigaeic Omnivores
Hypoponera	Cryptic Omnivores
Labidus	Army Ants
Linepithema	Epigaeic Omnivores
Megalomyrmex	Epigaeic Omnivores
Monomorium	Epigaeic Omnivores
Myrmelachista	Cryptic Omnivores
Myrmicocrypta	Non leaf-cutting fungus-growing ants
Neivamyrmex	Army Ants

Neoponera	Epigaeic Predators
Nesomyrmex	Epigaeic Omnivores
Nylanderia	Opportunists
Ochetomyrmex	Epigaeic Omnivores
Odontomachus	Epigaeic Predators
Pachycondyla	Epigaeic Predators
Pheidole	Epigaeic Omnivores
Pseudomyrmex	Arboreal Subordinates
Rasopone	Epigaeic Predators
Rogeria	Cryptic Omnivores
Sericomyrmex	Non leaf-cutting fungus-growing ants
Solenopsis	Epigaeic Omnivores
Strumigenys	Cryptic Predators
Tapinoma	Opportunists
Trachymyrmex	Non leaf-cutting fungus-growing ants
Tranopelta	Cryptic Omnivores
Xenomyrmex	Arboreal Subordinates
Wasmannia	Epigaeic Omnivores

Table S2. List of ant species sampled in each strata and treatment (C = Control; B0 = No fuel addition; B+ = Fuel addition), and removing seeds or cheating. Numbers indicate the frequency of occurrence of each species in correspondent stratum and treatment.

Stratum/Treatment	Subterranean			Litter			Epigaeic			Arboreal			Removed			Cheated		
Subfamily/Species	C	B0	B+	C	B0	B+	C	B0	B+	C	B0	B+	C	B0	B+	C	B0	B+
Dolichoderinae																		
Azteca sp.1		1		1			5	2	2	3	3	2				1	1	
Azteca sp.2											1							
Azteca sp.3										1		1						
Azteca sp.4									1		1							
Azteca sp.5									1			1						
Azteca sp.6												1						
Dolichoderus ghilianii							1					1						
Dolichoderus imitator					1		1	2		3		1						
Dolichoderus attelaboides																1		
Linepithema sp.2																	1	
Linepithema aztecoides								1										
Tapinoma sp.2												1						
Dorylinae																		
Labidus mars		1																

Labidus praedator				1									
Neivamyrmex sp.1	1	1	1										
Ectatomminae													
Ectatomma edentatum						1	4	1					
Ectatomma lugens				1			3	1	1				
Ectatomma tuberculatum				1			1		1		1		
Gnamptogenys striatula					2			1	1				
Formicinae													
Acropyga sp.1	3												
Acropyga sp.2			2										
Acropyga sp.3			1										
Brachymyrmex sp.1			1	14	11	8	1	3	5			3	
Brachymyrmex sp.2	1						5	6	3	3	2		1
Brachymyrmex sp.4				1					1	1		1	
Brachymyrmex sp.5										3	1		
Camponotus atriceps			1				21	15	14	14	18	16	
Camponotus crassus				4	5		28	26	15	13	11	8	
Camponotus sericeiventris							1						

Camponotus sp.1							7	1	3	1		1
Camponotus sp.2							1			1		
Camponotus sp.5								2	1			
Camponotus sp.7							1	2	1			
Camponotus sp.8	1						4	2	1			
Camponotus sp.11							7	9	6	3	4	
Camponotus sp.13				2			2			1	1	
Camponotus sp.15												1
Camponotus sp.19										1		
Camponotus sp.21							2	1	1			1
Camponotus sp.22				3			3	7	6		2	1
Camponotus sp.28		1		5	3	1	8	5	4	2	3	1
Camponotus sp.34								1				
Camponotus sp.37												1
Camponotus sp.39							1					
Camponotus sp.42											1	
Gigantiops destructor							16	9	11	3	7	
Myrmelachista nodigera											1	1
Nylanderia sp.1	1	1					8	2	2			

Nylanderia sp.2					5	6	3		5	8	6	1	1	
Nylanderia sp.4										1	1			
Nylanderia sp.5									1		1			
Myrmicinae														
Apterostigma carinatum									1	2	2			
Apterostigma megacephala									1					1
Apterostigma sp.1					1		1		8	4	2			
Apterostigma sp.3					1	1	1			1				
Apterostigma sp.4										1				
Atta laevigata					1				5	3	4	1		
Atta sp.6										1				
Atta sp.8									3			1		
Basiceros militaris					1	1								
Carebara sp.1							1							
Carebara sp.2									1					
Carebara sp.3					1									
Carebara sp.4	9	11	6					1						
Carebara sp.6				1										

Cephalotes atratus								1							
Cephalotes oculatus									1						
Cephalotes patellaris			1	1					1						
Cephalotes sp.2										1					
Cephalotes sp.9										1					
Crematogaster crassinoda								1							
Crematogaster flavosensitiva			1												
Crematogaster sp.1	2	1	4			12	14	5	9	9	4	1			1
Crematogaster sp.2			3	3	3	2			1						
Crematogaster sp.9														1	
Crematogaster sp.10						1	1	3					1		
Crematogaster sp.12			2	1		1	1								
Crematogaster sp.13										1					
Cyphomyrmex laevigatus			2	4			2	3							
Cyphomyrmex sp.1				2	2		1	1							
Cyphomyrmex sp.2						1									
Cyphomyrmex sp.3			2												

Cyphomyrmex sp.4							2	1										
Cyphomyrmex sp.5								1										
Daceton armigerum							1		1									
Hylomyrma immanis					1													
Megalomyrmex sp.1								1										
Megalomyrmex sp.2	1																	
Megalomyrmex sp.3							1											
Monomorium floricola	1		1			1											1	
Myrmicocrypta foreli				1														
Nesomyrmex sp.1							1					1						
Nesomyrmex sp.3												1						
Ochetomyrmex neopolitus				1		1	1											
Ochetomyrmex semipolitus				1	2		1	2	1	4	2	3						1
Pheidole fimbriata	2	1	2						1									
Pheidole sp.1				2	4		6	9	6									
Pheidole sp.2	8	11	10	12	15	10	39	40	44	2	1		1		1	5	4	9
Pheidole sp.3	1					1	10	10	14									

Pheidole sp.4									2	2	5	4						
Pheidole sp.5								1										
Pheidole sp.6	2	1	1	1	1		9	7	6					1		1		1
Pheidole sp.7	3	1		3	10	7	14	14	14	3						5	8	5
Pheidole sp.9							3	7	11									
Pheidole sp.10				9	8	3	11	8	9							1		
Pheidole sp.11					3		7	6	5								1	
Pheidole sp.14				3			1		1		1							
Pheidole sp.15						1	2											
Pheidole sp.17	1	1		3		1	12	23	15							1		
Pheidole sp.18				2	1	2												
Pheidole sp.20																	2	4
Pheidole sp.21					1													
Pheidole sp.26				1	2	3												
Pheidole sp.28				1			1		1									
Pheidole sp.31							1	3										
Pheidole sp.32																	1	
Pheidole sp.33										1	4	2						
Pheidole sp.34				2	1		1	3										

Pheidole sp.37							3	1										
Pheidole sp.38							1	1	1						1			
Pheidole sp.41									1									
Pheidole sp.42			1				1	1	3									
Pheidole sp.43	1			2	5	8	1	1										
Pheidole sp.44							1											
Pheidole sp.46							1											
Pheidole sp.49					1		1		1									
Pheidole sp.52							4		2	1								1
Pheidole sp.54							1											
Pheidole sp.60									1									
Pheidole sp.61	1	1		1	1		2	3	4								1	
Rogeria sp.1				1														
Sericomyrmex sp.1		2			1		3	4	3									
Sericomyrmex sp.2									1									
Sericomyrmex sp.5							1											
Solenopsis saevissima																1	2	
Solenopsis sp.1	3	2	1	29	20	15	21	11	9	19	15	10				3	5	2
Solenopsis sp.2	4	9	3	8		3	6	11	5									

Solenopsis sp.4			1			1	8	7	4			
Solenopsis sp.6				12	15	6						
Solenopsis sp.7			1					1				
Solenopsis sp.9	1		2									
Solenopsis sp.10							1					
Solenopsis sp.11											1	1
Solenopsis sp.12	1											
Solenopsis sp.13	1			10	12	9	4	3	1			
Solenopsis sp.14				15	6	8	5		1			
Solenopsis sp.16	1	1	1									
Solenopsis sp.17	2		1					1				
Solenopsis sp.18												1
Solenopsis sp.19					1							
Solenopsis sp.20							1					
Solenopsis sp.21										2	1	
Solenopsis sp.22										1		
Solenopsis sp.23					1							
Solenopsis sp.25	1	1	1		3							
Solenopsis sp.26				1								

Solenopsis sp.29												1						
Solenopsis sp.35				1			1											
Strumigenys aff. *crassicornis*				1														
Strumigenys denticulata	1			13	12	7												
Strumigenys elongata				1	1													
Strumigenys perpava				5	5													
Strumigenys trudifera					1													
Strumigenys zeteki				2	1													
Trachymyrmex sp.1				2	7	8	15	14	15							2	2	
Trachymyrmex sp.2					1	1	1	2										
Trachymyrmex sp.3															1	2		2
Trachymyrmex sp.4															1		3	
Trachymyrmex sp.6	1						17	16	15									
Trachymyrmex sp.9							1											
Tranopelta sp.1	11	12	6				2	1										
Xenomyrmex sp.1									1									
Wasmannia sp.1							1											
Wasmannia auropunctata				1														

Ponerinae												
Anochetus diegensis				1		2						
Anochetus mayri				3	1							
Anochetus targionii				3			1					
Hypoponera sp.1	1											
Hypoponera sp.2	1											
Hypoponera sp.3		1										
Hypoponera sp.4	1			1		1						
Hypoponera sp.5				5	3							
Hypoponera sp.6				2								
Neoponera apicalis							3				1	
Neoponera carinulata										1		1
Neoponera commutata							3		4			
Neoponera verenae							24	12	7			
Neoponera villosa							1		1	1	1	
Odontomachus meinerti				1	1							
Odontomachus sp.2			1									
Pachycondyla crassinoda							17	18	18			

Pachycondyla harpax		3		1		1	1			
Rasopone aff. *lunaris*	1									
Rasopone arhuaca			1							
Pseudomyrmecinae										
Pseudomyrmex sp.1					1				1	
Pseudomyrmex sp.2		1			1					
Pseudomyrmex sp.3								6	2	1
Pseudomyrmex sp.4								7	2	2
Pseudomyrmex sp.5								1		4
Pseudomyrmex sp.6									2	
Pseudomyrmex sp.9										1

CHAPTER TWO

RESPONSES OF RAINFOREST ANTS TO HIGH FIRE FREQUENCY: CONGRUENCE WITH VEGETATION CHANGE IN THE SOUTHERN AMAZON

Artigo a ser submetido à revista Conservation Biology

Responses of rainforest ants to high fire frequency: congruence with vegetation change in the southern Amazon

Running Head: Fire frequency and rainforest ants

Authors: Lucas N. Paolucci[1*]; José H. Schoereder[2] and Alan N. Andersen[3].

[1] Programa de Pós-Graduação em Ecologia; [2] Departamento de Biologia Geral, Universidade Federal de Viçosa, Av. P.H. Rolfs, s/n, *Campus Universitário*, CEP 36570-000, Viçosa, MG, Brasil. [3] CSIRO Land & Water, Tropical Ecosystems Research Centre PMB 44, Winnellie, NT, 0822, Australia.

*Corresponding author. E-mail: lucaspaolucci@gmail.com

Abstract

Human activities on tropical forests fragment the original habitat, and increase the flammability of its edges. Once burned, a positive fire feedback may be established and fire return intervals can drastically decrease. Here we assess the effects of repeated fires on forest ant communities in the southern Amazon using a manipulative experiment where treatment plots were subject to annual and triennial fires over a six-year period. We ask the question: Do ant communities show comparable plot differences in abundance, biomass, species diversity and species composition to that shown by trees? Experimental fires were applied to adjacent forest plots (0.5 X 1.0 km): one plot was burnt annually, another was burnt triennially, and a third was left unburnt. Trees from three size-classes (small, 10-19.9; medium, 20-39.9 and large, ≥ 40 cm diameter at breast height) were surveyed in each 50-ha treatment prior to the first experimental fires, and again two years after the last fires. Ants were sampled three years after the last fires in three strata: subterranean, epigaeic and arboreal. Ant responses to burning were highly consistent with those of trees. Epigaeic ant species were the most sensitive, and particularly affected by annual fires. Fire had a much more severe impact on abundance and biomass of trees than of ants, as the effects on ants are primarily indirect rather than through direct mortality. Changes in ant biomass in burnt plots were disconnected from changes in ant abundance, which has important implications for using changes in abundance as proxies for changes in ecological function. Species diversity and composition varied similarly for ants and trees. Recurrent fires in southern Amazonian forests have dramatic effects not only on trees, but also on ants, one of the most abundant and ecologically important faunal groups. Preventing such disturbance should be a priority for conservation management.

Key words: Biomass, evenness, recurrent fires, tropical forest, understory fires.

Introduction

Tropical forests rarely burn naturally, due to their humid microclimate and high rates of litter decomposition (Bond and van Wilgen 1996; Mueller-Dombois 1981; Uhl and Kauffman 1990). However, fire risk is increased by logging and agricultural development, which create fire-prone agricultural habitats, fragment the original forest, and increase the flammability of forest edges (Alencar et al. 2004; Nepstad et al. 1999). Once burned, a positive fire feedback may be established due to higher canopy openness, and higher and drier fuel loads (Cochrane et al. 1999; Nepstad et al. 2001). Such factors can drastically alter fire return intervals in tropical forests, from an historical 500-1000 years (Pivello 2011) to as little as 5-10 years (Cochrane 2001).

Recurrent fires in tropical forests influence both fire intensity and ecological responses. Compared with a single fire, recurrent fires are usually more intense due to higher flame heights and faster spread rates (Ray et al. 2005). Trees with thick bark and larger diameter are less susceptible to fire (Brando et al. 2012), but sufficient fire-free intervals are required to allow recruitment into fire-resistant size classes (Hoffmann et al. 2009). Recurrent fires increase the vulnerability of resprounting stems, extirpate more pioneer species than do single fires, and lead to higher turnover in tree species composition (Barlow and Peres 2008). It also leads to a greater impact on faunal communities (Barlow and Peres 2006; Silveira et al. 2015).

The rainforest-savanna transitional region of the southern Amazon is undergoing extreme land-use change that is increasing the fire risk of remaining forest (Morton et al. 2013). These forests are already more fire-prone than those in the central Amazon because they experience more frequent and intense droughts (Coe et al. 2013) and occur in close juxtaposition with the highly fire-prone *Cerrado* biome

(Brazilian savanna), with the boundary between these two biomes largely determined by fire (Bowman 2000; Hoffmann et al. 2009; Hopkins 1992). Under suitable conditions, fire can penetrate the forest edges, reducing canopy cover, increasing fuel loads and therefore making them more fire-prone (Silvério et al. 2013).

Forests of the southern Amazon are relatively resistant to single fires, but can be dramatically impacted by repeated burning, especially under extreme climatic conditions (Balch et al. 2015; Brando et al. 2014; Brando et al. 2012). Repeated fires cause high tree mortality and severely degrade forest structure (Balch et al. 2011; Brando et al. 2014), promote the invasion of native and pasture grasses (Silvério et al. 2013), and markedly change patterns of plant regeneration and succession (Balch et al. 2013). However, the extent to which repeated fires have comparable impacts on faunal assemblages has been little studied.

Ants are a globally dominant faunal group that are widely used as environmental and biodiversity indicators of the effects of habitat disturbance (Andersen and Majer 2004; Majer et al. 2007). They are especially abundant and ecologically important in tropical forests (Agosti et al. 2000; Hölldobler and Wilson 1990). Single fires in southern Amazonian forests decrease ant species richness, alter functional group composition, and reduce the effectiveness of ecosystem services they provide (Paolucci et al. 2016; Silveira et al. 2012). However, there has been only one study of the effects of repeated fires on ant communities of southern Amazon forests, where the abundance of epigaeic ants was found to be promoted by burning on three occasions over a three-year period, due at least in part to an increased occurrence of leaf-cutting ants (Silveira et al. 2010).

Here we assess the effects of repeated fires on forest ant communities in the southern Amazon using a manipulative experiment where treatment plots were subject to annual and triennial fires over a six-year period. The treatment plots were not replicated and no pre-treatment ant data are available; it is therefore not possible to conduct a formal analysis of treatment effects. Instead, we focus on differences between plots (Davies and Gray 2015), and strengthen our inference of treatment effects by comparing plot differences in ant communities with those of trees, where treatment effects have been previously demonstrated through BACI analysis. We ask the question: Do ant communities show comparable plot differences in abundance, biomass, species diversity and species composition to that shown by trees? Previous analysis has shown that tree responses to fire vary with size class, with those in the smallest size class most affected. We predict that plot variation in ant communities will similarly vary with habitat stratum because of differential fire effects, with epigaeic ants showing greater differences between burned and unburned plots than those in the subterranean and arboreal strata. We also predict that plot variation in richness and composition will be similar for ants and trees, but that trees will show far greater variation in abundance and biomass because these variables are directly impacted by fire, whereas the effects of fire on ants are primarily indirect through changes in habitat structure (Andersen et al. 2012).

Materials and methods

Study site

The study was conducted at “Fazenda Tanguro”, a privately-owned property located 75 km north of Canarana, Mato Grosso, southern Amazon basin (13°04’35”S, 52°23’08”W). The climate is tropical humid, with average annual rainfall of 1,770 mm and a marked dry season (<10 mm/month) between May and September (Rocha et al. 2014). Local vegetation is characterized by tropical evergreen forest, typical of the transitional area between the Cerrado and the Amazon rainforest. The area was not previously disturbed by fire or logging, has <2% slope and contains >1000 m of forest extending around experimental plots. Plant species richness and canopy leaf area index are lower compared with central Amazon forests, and there is a high dominance of nine tree species, mainly from Lauraceae and Burseraceae, which represent 50% of the Importance Value Index (Balch et al. 2008).

Fire experiment

Experimental fires were applied to adjacent forest plots (0.5 X 1.0 km) along a soybean field edge (Fig. 1). One plot (AB) was burnt annually from 2004 to 2010 (except for 2008), and another plot (TB) was burnt triennially (in 2004, 2007 and 2010). All burning was conducted at the end of the dry season (August or September). Fires were set with kerosene drip torches during 3–4 consecutive days between 9:00 and 16:00 hours. A third adjacent plot (C) was left unburnt as a control. A full description of experimental burns and fire behavior can be found in Balch et al. (2008).

Vegetation measurements

Vegetation assessments were conducted using a BACI design. Floristic surveys were conducted in each 50-ha treatment plot in July 2004, prior to the first experimental fires (see Balch et al. 2008; 2011 for a full description). There were no significant pre-treatment differences among plots in vegetation variables such as species richness, relative abundance of the five most common species, Importance

Value Index (IVI) for species inventoried, adult composition, woody stem density and composition, and stem regeneration density, nor microclimate variables such as vapor pressure deficit near the soil surface (~ 10 cm height) and litter moisture content (Balch et al. 2013; Balch et al. 2008).

Vegetation was assessed two years after the last burning (end of the 2012 dry season), focusing on trees with diameter at breast height (dbh) ≥10 cm. Within each plot, small (10-19.9 cm dbh) trees were surveyed in six transects of 500 m x 10 m, while medium (20-39.9 cm dbh) and large-sized (≥ 40 cm dbh) trees were sampled in six transects of 500 m x 20 m. The transects were at 0, 30, 100, 250, 500, and 750 m from the edge (see Fig. 1 in Balch et al. 2011). Height (m) and dbh (at 1.3 m) measurements were taken for each tree. Leaf Area Index (LAI) as a proxy for canopy cover was also documented. LAI was measured in October 2013 (N = 92 for Control; N = 69 for TB and N = 68 for AB). Two LiCor-2000 Plant Canopy Analyzers were used in differential mode (LI-COR 1992; Welles 1990), with one placed in an adjacent open field to obtain radiation without canopy influence, and the other taking simultaneous understory measurements. The instruments were inter-calibrated before each set of measurements. All measurements were taken before 8:00 am, under diffuse light conditions. Balch et al. (2015) provided an overall summary of fire effects on trees in our site: in general, fire intensities and burned areas were greater with a triennial rather than annual fire return interval. The annually fire frequency caused a negative fire feedback, due to reduced litterfall rates and high consumption of fuel, while the triennially enabled higher fuel accumulation, usually leading to more severe fires.

Ant sampling

Ant sampling was conducted on a single occasion in June 2013, three years after the last experimental fires. We set six transects at each plot spaced by 220 m, and with 10 sampling stations with 10 m spacing in each transect. Each sampling station consisted of three unbaited pitfall traps, one subterranean, one epigaeic and one arboreal. All pitfall traps were 5 cm in diameter, were partly filled with a salt solution and detergent, and left open for 48 hours. The subterranean pitfalls were buried 15 cm deep, with lids to avoid filling with soil, and four radial holes – 1 cm diameter – to allow ant entry; the epigaeic traps were buried with their rims flush to the soil surface; and arboreal traps were tied at a height of 2 m to the trunk of the nearest tree with dbh ≥10 cm.

Data analysis

In all cases our unit of analysis was transect. We analyzed trees separately by dbh size-class, and for ants considered each stratum separately.

Abundance and biomass

We fitted generalized linear models (GLMs) with Poisson distribution with tree and ant abundance as response variables, and fire treatment as a predictor. We used two separate measures of tree abundance, the number of individual trees and LAI. Ant abundance was calculated as the sum of frequencies of occurrence of species in traps.

We estimated aboveground tree biomass (Mg ha^{-1}) for each individual by using the allometric equation for tropical forests proposed by Chave et al. (2014):

$$AGB_{est} = 0.0673 \text{ X } (\rho D^2 H)^{0.976}$$

Where ρ is wood specific gravity, which was estimated by Balch et al. (2008) as 0.59 g cm^{-3} for this region; D is dbh (cm) and H is height (m). We summed all values from each individual to obtain the biomass for each transect.

We estimated ant biomass (mg) for each ant species by using the equation proposed by Kaspari and Weiser (1999):

$$M = (4.7297 \text{ X } 10^{-4})HL^{3.179}$$

Where HL is head length (mm), which was measured as the maximum length from the apex of the head to the anterior-most portion of the clypeus. We measured up to three individuals of each species, and averaged the values to obtain HL estimation for each species. To obtain ant biomass for each transect, we multiplied the estimated biomass for each species by their abundances, and then summed throughout.

Species diversity and composition

We analyzed species richness and evenness separately. We fitted GLMs with tree and ant species richness as response variables, and fire treatment as a predictor. Tree richness was calculated as the number of species from each dbh class occurring within a transect. Ant richness was calculated as the number of species occurrence in all traps from a transect in each stratum. Similarly, we fitted GLMs with tree and ant evenness as response variables, and fire treatment as a predictor. We used the E_{var} index to calculate evenness, as it is independent of species richness and symmetric with regards to rare or dominant species (Crowder et al. 2012). We analyzed *a posteriori* if any changes in evenness were due to decreases in abundances of common species or increases in abundances of rare species. For that, we also fitted GLMs with the combined abundances of the 10 most and 10 least common species in the control plot as response variables, and fire treatments as a predictor. We used Poisson distribution in all these models.

We evaluated the extent to which tree and ant species composition differed among plots by performing permutational multivariate analyses of variance with 5,000 permutations (PERMANOVA; Anderson 2001) on presence/absence data, using Jaccard's dissimilarity index. When the result was significant, we assessed if dispersion within-group was homogeneous, which otherwise could lead to bias (Anderson 2001; Warton et al. 2012). We assessed differences between treatments by pairwise comparisons with Bonferroni correction. We evaluated whether β diversity differed among transects across plots, in order to assess if fire leads to biotic homogenization. For trees, we conducted this analysis for pre-treatment as well as 2012 data, because β diversity analysis of pre-treatment data had not been previously conducted. We first tested for homogeneity of multivariate dispersions (PERMDISP; Anderson 2006; Anderson et al. 2006), which computes a *F*-statistic to compare the average distance of each transect to their treatment median, defined in space by the dissimilarity index used (Sørensen pair-wise dissimilarity in this case, which includes both turnover and nestedness components of β diversity). To test if the dispersions are different among treatments we used a permutation test (5,000 randomizations).

We conducted all analyses in the software R (R Core Team 2015), and analyzed the residuals to check for distribution suitability and homoscedasticity in all models. We evaluated differences among plot treatments by performing pairwise contrast analyses, lumping together the most similar treatments and comparing models (Crawley 2012). We asserted a "quasi" correction for Poisson models with overdispersion. We calculated Nagelkerke's pseudo R^2 for all models. We used the *betapart v1.3* package (Baselga et al. 2013) to calculate the pairwise dissimilarities, and *vegan* v2.3 (Oksanen et al. 2015) to PERMANOVA and PERMDISP tests.

Results

We recorded 107 tree species, from at least 61 genera and 35 families. We recorded 189 ant species, from 44 genera and 8 subfamilies, with 47, 138, and 93 species occurring in the subterranean, epigaeic and arboreal traps respectively (Table S1).

Abundance and biomass

Total tree abundance in burnt plots was only about half that in the control for all dbh classes (small: $R^2 = 1$, $P < 0.01$; medium: $R^2 = 0.99$, $P < 0.01$ and large: $R^2 = 0.89$, $P = 0.01$), and the two burnt plots did not differ from each other (Fig. 2a-c). LAI yielded similar results (C = 4.32 $m^2\ m^{-2} \pm 0.12$; TB = 2.09 ± 0.15; AB = 2.30 ± 0.16; mean ± SE, $R^2 = 0.71$; $P < 0.01$). Mean abundance of ants in subterranean traps was also highest in the control plot ($R^2 = 0.33$, $P = 0.03$; Fig. 2d) and did not differ between the two burning treatments; however, the difference between control and burnt plots was not as marked as for trees. Mean ant abundance for the epigaeic stratum was lower in the annually burnt plot compared with triennially burned and control plots, which were not significantly different from each other ($R^2 = 0.69$, $P = 0.01$; Fig. 2e). There were no plot differences for ant abundance in the arboreal stratum (Fig. 2f).

The biomass of trees in burnt plots was about half that in the control for all dbh classes (small: $R^2 = 0.99$, $P < 0.01$; medium: $R^2 = 1$, $P = 0.04$; large: $R^2 = 1$, $P = 0.05$; Fig. 3a-c). The biomass of subterranean ants did not differ among plots ($R^2 = 1$, *P* = 0.52; Fig. 3d), was lower in the annually burned plot for epigaeic ants ($R^2 = 1$, *P* = 0.01; Fig. 3e) and about two-fold time higher in the triennially burned for arboreal ants ($R^2 = 1$, *P* = 0.01; Fig. 3f).

Species diversity and composition

The species richness of small trees was far lower in burnt than in control plots ($R^2 = 0.99$, $P < 0.01$; Fig. 4a), but there were no plot differences for larger trees (Fig. 4b,c). Ant species richness in epigaeic traps was lower in burnt plots compared with the control, and this was significant for the annually burnt plot ($R^2 = 0.60$, $P < 0.01$; Fig. 4e). Ant species richness in subterranean and arboreal traps did not differ among plots (Fig. 4d,f).

Species evenness was highest in the triennially burned plot for small ($R^2 = 0.24$, *P* = 0.05; Fig. 5a) and medium-sized ($R^2 = 0.23$, *P* = 0.04; Fig. 5b) trees, and both burnt plots had higher evenness than in the control plot for large trees ($R^2 = 0.32$, *P* = 0.01; Fig. 5c). Both burnt plots had slightly higher ant species evenness than in the control plot for both subterranean ($R^2 = 0.26$, *P* = 0.02; Fig. 5d) and arboreal ($R^2 = 0.21$, *P* = 0.05; Fig. 5f) traps, but there were no differences among plots for epigaeic ants (Fig 6e). The most abundant subterranean ($R^2 = 0.54$, $P < 0.01$; Fig. S1a) and arboreal ($R^2 = 0.52$, $P < 0.01$; Fig. S1b) species in the control plot were collectively only about half as abundant in burned plots. Such decreases in their abundances were much higher than those for all subterranean (about 30%) and arboreal (no significant) ants taken together. The least abundant subterranean species in the control did not vary across plots ($R^2 = 0.02$, *P* = 0.64; Fig. S2a), but decreased in burned plots for arboreal ants ($R^2 = 0.25$, $P < 0.01$; Fig. S2b). We did not conduct this analysis for epigaeic ants as their evenness was not different among plots.

Species composition of small trees was different in the control plot compared with both the triennially burned (PERMANOVA $F_{1,9} = 2.62$, $R^2 = 0.22$; $P < 0.01$) and annually burned ($F_{1,9} = 2.75$, $R^2 = 0.23$; $P = 0.01$) plots, which were not different from each other. The composition of medium trees differed between the control and triennially burned plots ($F_{1,10} = 2.14$, $R^2 = 0.17$; $P = 0.02$), but did not vary between the control and annually burned plots, or between burnt plots. There was no difference among plots in species composition for large tress.

There was significant overall variation among plots in species composition of subterranean ants (PERMANOVA $F_{2,15} = 1.52$, $R^2 = 0.16$; $P < 0.01$), but none of the pairwise comparisons were significant following Bonferroni correction. For epigaeic ants, species composition in the control plot differed from that in the triennially burnt ($F_{1,10} = 3.06$, $R^2 = 0.23$; $P < 0.01$) and annually burnt ($F_{1,10} = 3.87$, $R^2 = 0.27$; $P < 0.01$) plots, but did not differ between burnt plots. We found the same pattern for arboreal ants (C and TB comparison: $F_{1,10} = 3.01$, $R^2 = 0.23$; $P < 0.01$; C and AB comparison: $F_{1,10} = 2.35$, $R^2 = 0.19$; $P < 0.01$).

We found no evidence of biotic convergence within burnt plots. For trees, β diversity did not vary among plots in any tree class: small (PERMDISP $F_{2,13} = 2.39$; $P = 0.12$), medium ($F_{2,15} = 3.62$; $P = 0.06$) and large ($F_{2,14} = 1.19$; $P = 0.17$). Tree β diversity also did not vary among plots before burning in any class: small ($F_{2,15} = 0.95$; $P = 0.42$), medium ($F_{2,15} < 0.01$; $P = 0.99$) and large ($F_{2,15} = 0.39$; $P = 0.68$). Similarly, for ants β diversity did not vary among plots for any stratum: subterranean (PERMDISP $F_{2,15} = 0.04$; $P = 0.95$), epigaeic ($F_{2,15} = 2.39$; $P = 0.12$), or arboreal ($F_{2,15} = 0.9$; $P = 0.42$).

Discussion

Our study experimentally addressed how repeated fires affect ant communities from a southern Amazonian rainforest, by comparing variation among experimental plots with that shown by trees. Variation in ant communities among plots in relation to that shown by trees was consistent with our predictions, reflecting the differential effects of fire according to vertical stratum, and the relative importance of direct versus indirect impacts.

Abundance and biomass

Repeated fire dramatically reduced the abundance of trees in all size classes, and subsequently overall tree biomass, reflecting the high fire-induced mortality that has previously been documented (Balch et al. 2011; Brando et al. 2014). As predicted, there was less marked variation in ant abundance among plots, although it was still lower in burnt than control plots in the subterranean stratum, and in the epigaeic stratum it was lower in the annually burned plot than in the control, while it did not vary for arboreal ants. Unlike the study of Silveira et al. (2010), there was not a proliferation of leaf-cutting ants at our burnt sites.

Variation in ant biomass among plots matched that for ant abundance in the epigaeic stratum, but not for the other strata - the biomass of subterranean ants was not affected despite the variation in abundance, and the biomass of arboreal ants increased in the triennially burned plot despite no variation in abundance. The increase in arboreal ant biomass in the triennially burned plot was directly related to a higher number of the giant tropical ant *Paraponera clavata* workers sampled (19, Vs. eight in the arboreal stratum at Control and Annually burned plots; Table S1). These eleven extra individuals accounted for 32% of estimated ant biomass in the triennially burned plot, and when removing them from the analysis we did not obtain significant differences among plots. *Paraponera clavata* nests preferentially in drier habitats

(Elahi 2005), and therefore may be expected to be more abundant in fire-simplified habitat. Additionally, this species forages extensively on extrafloral nectaries (Fewell et al. 1996), that may secrete a better quality nectar in resprounting plants after fire (Alves-Silva and Del-Claro 2013) or under higher light availability conditions (Radhika et al. 2010). However, it is not clear why *P. clavata* abundance was higher in the triennially burned but not annually burned plot. The disconnect that we have shown between responses of subterranean and arboreal ant abundance and biomass is noteworthy because biomass rather than abundance is directly related to energy and nutrient flow, and therefore ecological function (Brown et al. 2004; Saint-Germain et al. 2007). Most studies of ant responses to disturbance do not measure biomass, and assume that changes in abundance reflect changes in ecosystem function.

Species diversity and composition

For trees, species richness was far less affected by fire than was abundance and biomass. Only small trees had their number of species reduced, and these trees are expected to be the most sensitive to fire: small stems were killed even after initial fires in this area, largely due to their thinner bark (Brando et al. 2012). Similarly, the only stratum where ant richness was lower in burnt than control plots was the epigaeic, and this is the stratum most affected by fire. Recurrent fires led to increased species evenness for all tree size classes, and this also occurred for ants from the subterranean and arboreal strata. Many studies have shown increased species evenness following disturbance due to increased abundance of rare species (reviewed by Crowder et al. 2012). However, we found no such responses of rare species, and our increased ant evenness was due to reductions in the abundance of common species.

Recurrent fires altered the composition of tree species, except for those in the large-size class, which are least sensitive to the effects of fire (Brando et al. 2012). Similarly, fire altered the composition of ant species, particularly in the epigaeic stratum, which is most directly affected. However, this variation in composition did not result in biotic homogenization within burned plots. These results are consistent with those for fires in the central Amazon, where the composition of trees ($\geq$ 10 cm dbh) and leaf litter ants differed strikingly between unburned and thrice-burned forests, but beta diversity was not altered (Silveira et al. 2015).

Conclusion

Ant responses to burning were highly consistent with those of trees, strengthening our inference that observed plot differences in ant communities were due to fire treatments. We confirmed that the impact of fire on ants varies among habitat strata, with epigaeic species being the most sensitive. Epigaeic ants were particularly affected by annual fires, with lowest abundance, biomass and richness in the annually burnt plot, whereas subterranean and arboreal ants showed no variation between the annual and triennial plots. Subterranean ants were affected by frequent fire despite the strong buffering qualities of soil; this can be explained by the fact that much of the subterranean ant fauna forages in the litter layer, which is strongly impacted by fire (Paolucci et al. 2016). We also confirmed that richness and composition similarly varied for ants and trees, and that fire has a much more severe impact on abundance and biomass for trees than for ants, as the effects on ants are primarily indirect rather than through direct mortality.

Our ant results are consistent with the conclusion from studies of plants that the effects of repeated fires are much more pervasive than those from single fires in the southern Amazon (Brando et al. 2012). Previous studies have shown that neither ant abundance nor species composition during the dry season are affected by single fires (Paolucci et al. 2016; Silveira et al. 2013; Silveira et al. 2012), although the composition of wet-season samples was affected (Silveira et al. 2012). Taken together these results indicate a very well marked effect of recurrent fires on species identity of southern Amazonian ant communities, while a weak and context-dependent effect of single fires. Our results also strongly differ from those in fire-prone savannas, where recurrent fires increase (Andersen 1991; Andersen et al. 2014) or do not change (Parr et al. 2004) ant abundance, and often have minor effects on ant composition (Andersen et al. 2014; Parr et al. 2004).

Southern Amazonian forests are currently experiencing a high rate of recurrent burning (Alencar et al. 2015). We have shown that recurrent fires in these forests have dramatic effects not only on trees, but also on ants, one of most abundant and ecologically important faunal groups. These effects were demonstrated three years after the last fires, indicating low resilience to recurrent fires. The prevention of recurrent fires should be a priority for conservation management.

Acknowledgements

We thank M. Maia and V. Ribeiro for their field assistance, T. Reis and F. Nery for helping with ant sorting, and R. Jesus and J. Chaul for assisting with ant identification. The fire experiment was conducted by the Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), and its staff provided field support. P. Brando and C. Oliveira-Santos provided plant data and information about the site. A. Maggi provided access to the field site and logistical support. This study was supported by the Gordon and Betty Moore Foundation, the National Science Foundation (Division of Environmental Biology Grant 1146206), and Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas

Gerais (FAPEMIG). LNP is supported by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) grants, and JHS and LNP (process 205659/2014-4) are supported by Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) grants.

References

Agosti D, Majer JD, Alonso LE, Schultz TR (2000) Ants: standard methods for measuring and monitoring biodiversity. Smithsonian Institution Press, Washingt, Washington, DC.

Alencar A, Solórzano LA, Nepstad D (2004) Modeling forest understory fires in an eastern amazonian landscape Ecological Applications 14:S139-S149

Alencar AA, Brando PM, Asner GP, Putz FE (2015) Landscape Fragmentation, Severe Drought and the New Amazon Forest Fire Regime. Ecological Applications

Alves-Silva E, Del-Claro K (2013) Effect of post-fire resprouting on leaf fluctuating asymmetry, extrafloral nectar quality, and ant–plant–herbivore interactions. Naturwissenschaften 100:525-532 doi:10.1007/s00114-013-1048-z

Andersen A, Majer JD (2004) Ants show the way down under: invertebrate as bioindicators in land management. Frontiers in Ecology and the Environment 2:291-298

Andersen AN (1991) Responses of ground-foraging ant communities to three experimental fire regimes in a savanna forest of tropical Australia. Biotropica 23:575-585

Andersen AN, Ribbons RR, Pettit M, Parr CL (2014) Burning for biodiversity: highly resilient ant communities respond only to strongly contrasting fire regimes in Australia's seasonal tropics. Journal of Applied Ecology

Andersen AN, Woinarski JCZ, Parr CL (2012) Savanna burning for biodiversity: fire management for faunal conservation in Australian tropical savannas. Austral Ecology 37:658-667

Anderson MJ (2001) A new method for non-parametric multivariate analysis of variance. Austral ecology 26:32-46

Anderson MJ (2006) Distance-Based Tests for Homogeneity of Multivariate Dispersions. Biometrics 62:245-253

Anderson MJ, Ellingsen KE, McArdle BH (2006) Multivariate dispersion as a measure of beta diversity. Ecology Letters 9:683-693

Balch JK et al. (2015) The Susceptibility of Southeastern Amazon Forests to Fire: Insights from a Large-Scale Burn Experiment. BioScience 65:893-905

Balch JK, Massad TJ, Brando PM, Nepstad DC, Curran LM (2013) Effects of high-frequency understorey fires on woody plant regeneration in southeastern Amazonian forests. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences 368:20120157

Balch JK et al. (2008) Negative fire feedback in a transitional forest of southeastern Amazonia. Global Change Biology 14:2276-2287 doi:10.1111/j.1365-2486.2008.01655.x

Balch JK et al. (2011) Size, species, and fire behavior predict tree and liana mortality from experimental burns in the Brazilian Amazon. Forest Ecology and Management 261:68-77

Barlow J, Peres CA (2006) Effects of single and recurrent wildfires on fruit production and large vertebrate abundance in a central Amazonian forest. Biodiversity & Conservation 15:985-1012

Barlow J, Peres CA (2008) Fire-mediated dieback and compositional cascade in an Amazonian forest. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences 363:1787-1794 doi:10.1098/rstb.2007.0013

Baselga A, Orme D, Villeger S, De Bortoli J, Leprieur F (2013) betapart: Partitioning beta diversity into turnover and nestedness components. R package version 1.3

Bond WJ, van Wilgen BW (1996) Fire and plants. Chapman & Hall, London

Bowman DM (2000) Australian rainforests: islands of green in a land of fire. Cambridge University Press, Cambridge, UK

Brando PM et al. (2014) Abrupt increases in Amazonian tree mortality due to drought–fire interactions. Proceedings of the National Academy of Sciences 111:6347-6352 doi:10.1073/pnas.1305499111

Brando PM et al. (2012) Fire-induced tree mortality in a neotropical forest: the roles of bark traits, tree size, wood density and fire behavior. Global Change Biology 18:630-641

Brown JH, Gillooly JF, Allen AP, Savage VM, West GB (2004) Toward a metabolic theory of ecology. Ecology 85:1771-1789 doi:10.1890/03-9000

Chave J et al. (2014) Improved allometric models to estimate the aboveground biomass of tropical trees. Global change biology 20:3177-3190

Cochrane MA (2001) Synergistic Interactions between Habitat Fragmentation and Fire in Evergreen Tropical Forests. Conservation Biology 15:1515-1521 doi:10.1046/j.1523-1739.2001.01091.x

Cochrane MA et al. (1999) Positive Feedbacks in the Fire Dynamic of Closed Canopy Tropical Forests. Science 284:1832-1835 doi:10.1126/science.284.5421.1832

Coe MT et al. (2013) Deforestation and climate feedbacks threaten the ecological integrity of south–southeastern Amazonia. Philosophical Transactions of the Royal Society of London B: Biological Sciences 368doi:10.1098/rstb.2012.0155

Crawley MJ (2012) The R book, Second Edition edn. John Wiley & Sons, Chichester

Crowder DW, Northfield TD, Gomulkiewicz R, Snyder WE (2012) Conserving and promoting evenness: organic farming and fire-based wildland management as case studies. Ecology 93:2001-2007 doi:10.1890/12-0110.1

Davies GM, Gray A (2015) Don’t let spurious accusations of pseudoreplication limit our ability to learn from natural experiments (and other messy kinds of ecological monitoring). Ecology and Evolution 5:5295-5304 doi:10.1002/ece3.1782

Elahi R (2005) The effect of water on the ground nesting habits of the giant tropical ant, Paraponera clavata. Journal of Insect Science 5doi:10.1093/jis/5.1.34

Fewell J, Harrison J, Lighton JB, Breed M (1996) Foraging energetics of the ant, Paraponera clavata. Oecologia 105:419-427 doi:10.1007/BF00330003

Hoffmann WA et al. (2009) Tree topkill, not mortality, governs the dynamics of savanna–forest boundaries under frequent fire in central Brazil. Ecology 90:1326-1337 doi:10.1890/08-0741.1

Hölldobler B, Wilson EO (1990) The ants. Harvard University Press, Cambridge

Hopkins B (1992) Ecological processes at the forest-savanna boundary. Nature and dynamics of forest-savanna boundaries. Chapman and Hall, London:21-33

Kaspari M, Weiser MD (1999) The size–grain hypothesis and interspecific scaling in ants. Functional Ecology 13:530-538

LI-COR (1992) LAI-2000 plant canopy analyzer: instruction manual. LI-COR Inc., Lincoln, Nebraska

Majer JD, Orabi G, Bisevac L (2007) Ants (Hymenoptera: Formicidae) pass the bioindicator scorecard. Myrmecological News 10:69-76

Morton DC, Le Page Y, DeFries R, Collatz GJ, Hurtt GC (2013) Understorey fire frequency and the fate of burned forests in southern Amazonia. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences 368:20120163

Mueller-Dombois D (1981) Fire in tropical ecosystems. In: Mooney HA, Bonnicksen TM, Christensen NC, Lotan JE, Reiners WA (eds) Proc. Conf. Fire Regimes and Ecosystem properties. USDA For. Serv. Gen. Tech. Rep. WO-26, Washington, pp 137-176

Nepstad D et al. (2001) Road paving, fire regime feedbacks, and the future of Amazon forests. Forest ecology and management 154:395-407

Nepstad DC et al. (1999) Large-scale impoverishment of Amazonian forests by logging and fire. Nature 398:505-508

Oksanen J, Blanchet FG, Kindt R, Oksanen MJ, Suggests M (2015) vegan: Community Ecology Package. R package version 2.2-1.:0-0

Paolucci LN, Maia MLB, Solar R, Campos RI, Schoereder JH, Andersen AN (2016) Fire in the Amazon: impact of experimental fuel addition on responses of ants and their interactions with myrmecochorous seeds. Departamento de Biologia Geral, D.Sc. Thesis, Chapter one. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa

Parr CL, Robertson HG, Biggs HC, Chown SL (2004) Response of African savanna ants to long-term fire regimes. Journal of Applied Ecology 41:630-642

Pivello VR (2011) The use of fire in the Cerrado and Amazonian rainforests of Brazil: past and present. Fire ecology 7:24-39

R Core Team (2015) R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL http://www.R-project.org/.

Radhika V, Kost C, Mithöfer A, Boland W (2010) Regulation of extrafloral nectar secretion by jasmonates in lima bean is light dependent. Proceedings of the National Academy of Sciences 107:17228-17233

Ray D, Nepstad D, Moutinho P (2005) Micrometeorological and canopy controls of fire susceptibility in a forested amazon landscape. Ecological Applications 15:1664-1678 doi:10.1890/05-0404

Rocha W et al. (2014) Ecosystem productivity and carbon cycling in intact and annually burnt forest at the dry southern limit of the Amazon rainforest (Mato Grosso, Brazil). Plant Ecology & Diversity 7:25-40

Saint-Germain M et al. (2007) Should biomass be considered more frequently as a currency in terrestrial arthropod community analyses? Journal of Applied Ecology 44:330-339

Silveira JM et al. (2013) The responses of leaf litter ant communities to wildfires in the Brazilian Amazon: a multi-region assessment. Biodiversity and conservation 22:513-529

Silveira JM, Barlow J, Andrade RB, Mestre LA, Lacau S, Cochrane MA (2012) Responses of leaf-litter ant communities to tropical forest wildfires vary with season. Journal of Tropical Ecology 28:515-518

Silveira JM, Barlow J, Louzada J, Moutinho P (2010) Factors affecting the abundance of leaf-litter arthropods in unburned and thrice-burned seasonally-dry Amazonian forests. PLoS ONE 5:e12877

Silveira JM et al. (2015) A Multi-Taxa Assessment of Biodiversity Change After Single and Recurrent Wildfires in a Brazilian Amazon Forest. Biotropicadoi:doi: 10.1111/btp.12267

Silvério DV et al. (2013) Testing the Amazon savannization hypothesis: fire effects on invasion of a neotropical forest by native cerrado and exotic pasture grasses. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences 368:20120427

Uhl C, Kauffman JB (1990) Deforestation, fire susceptibility, and potential tree responses to fire in the eastern Amazon. Ecology 71:437-449

Warton DI, Wright ST, Wang Y (2012) Distance-based multivariate analyses confound location and dispersion effects. Methods in Ecology and Evolution 3:89-101

Welles JM (1990) Some indirect methods of estimating canopy structure. Remote Sensing Reviews 5:31-43 doi:10.1080/02757259009532120

Figure legends

Fig. 1 Satellite image (2-m resolution) of the experimental treatments in 2011. From left to right: burnt annually (burned in 2004, 2005, 2006, 2007, 2009, and 2010), burnt triennially (burned in 2004, 2007, and 2010), and the control (unburned). Reproduced with authorization from Balch et al. (2015). Satellite image: © 2011, DigitalGlobe; NextView License

Fig. 2 Variation in tree and ant abundance among treatments (C = Control; TB = Triennially burned; AB = Annually burned) in each habitat stratum and dbh class. Bars represent standard error. Different letters indicate significant differences among treatments, according to ANOVA

Fig. 3 Variation in tree and ant biomass among treatments (C = Control; TB = Triennially burned; AB = Annually burned) in each habitat stratum and dbh class. Bars represent standard error. Different letters indicate significant differences among treatments, according to ANOVA

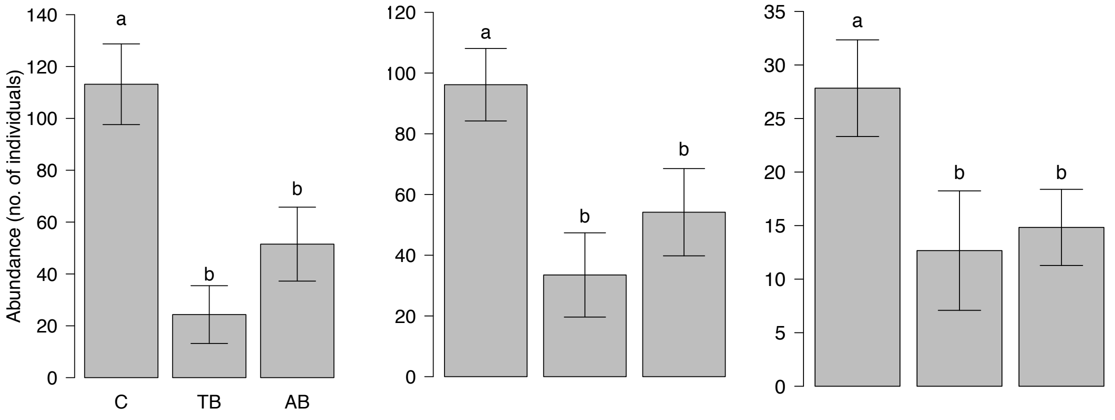
Fig. 4 Variation in tree and ant species richness among treatments (C = Control; TB = Triennially burned; AB = Annually burned) in each habitat stratum and dbh class. Bars represent standard error. Different letters indicate significant differences among treatments, according to ANOVA

Fig. 5 Variation in tree and ant evenness among treatments (C = Control; TB = Triennially burned; AB = Annually burned) in each habitat stratum and dbh class. Bars represent standard error. Different letters indicate significant differences among treatments, according to ANOVA

Figures

Figure 1

Figure 2



a) 10-19.9 cm dbh trees

b) 20-39.9 cm dbh trees

c) ≥ 40 cm dbh trees

d) Subterranean ants

e) Epigaeic ants

f) Arboreal ants

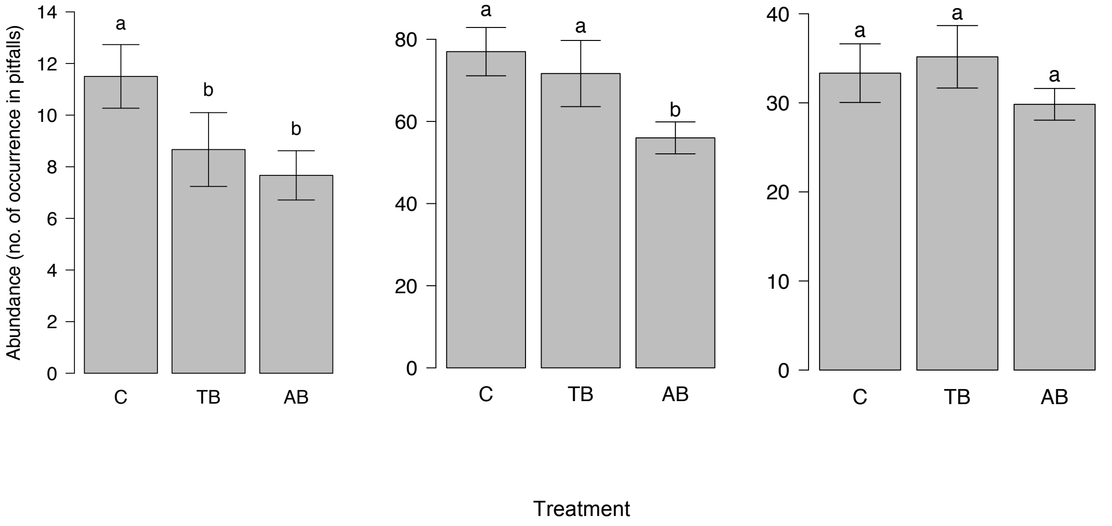


Figure 3

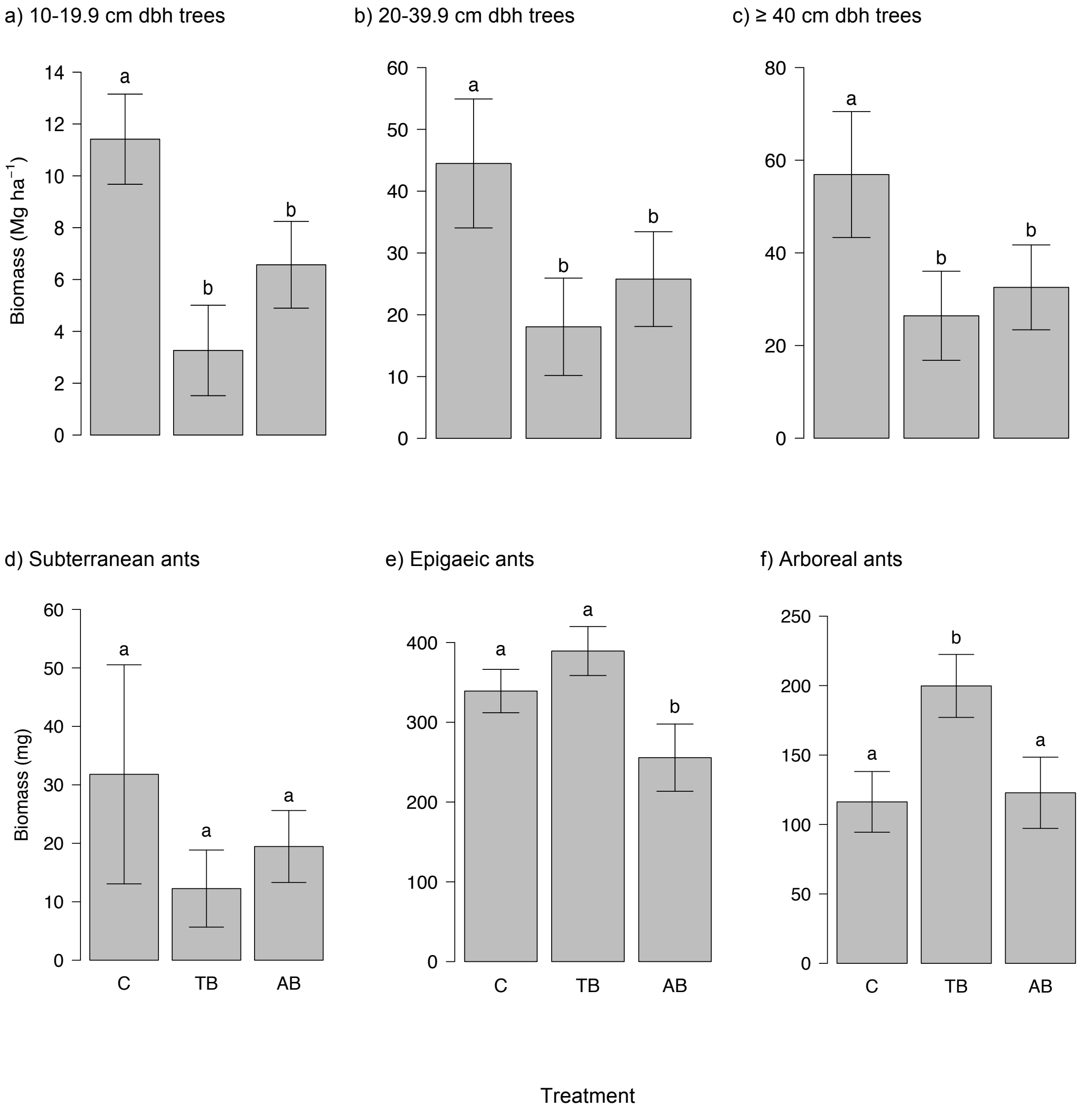
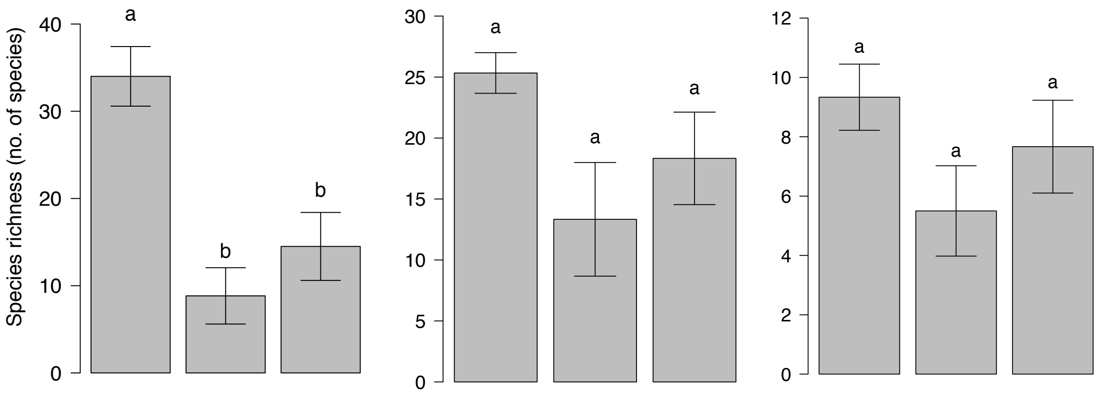

a) 10-19.9 cm dbh trees
b) 20-39.9 cm dbh trees
c) ≥ 40 cm dbh trees
Biomass (Mg ha^{-1})
0
2
4
6
8
10
12
14
a
b
b
0
10
20
30
40
50
60
a
b
b
0
20
40
60
80
a
b
b
d) Subterranean ants
e) Epigaeic ants
f) Arboreal ants
Biomass (mg)
0
10
20
30
40
50
60
a
a
a
0
100
200
300
400
a
a
b
0
50
100
150
200
250
a
b
a
C
TB
AB
C
TB
AB
C
TB
AB
Treatment

Figure 4

a) 10-19.9 cm dbh trees b) 20-39.9 cm dbh trees c) ≥ 40 cm dbh trees



d) Subterranean ants e) Epigaeic ants f) Arboreal ants

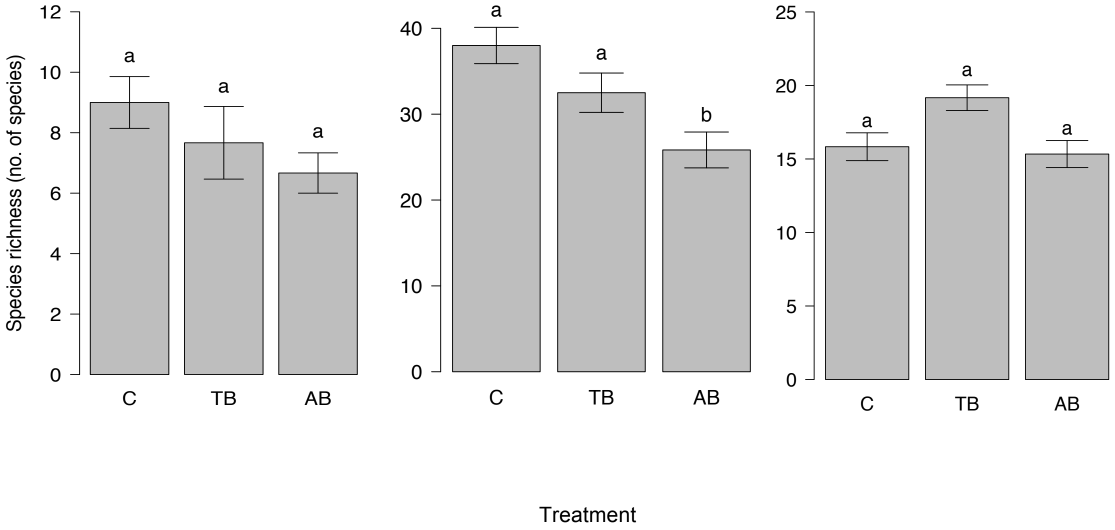
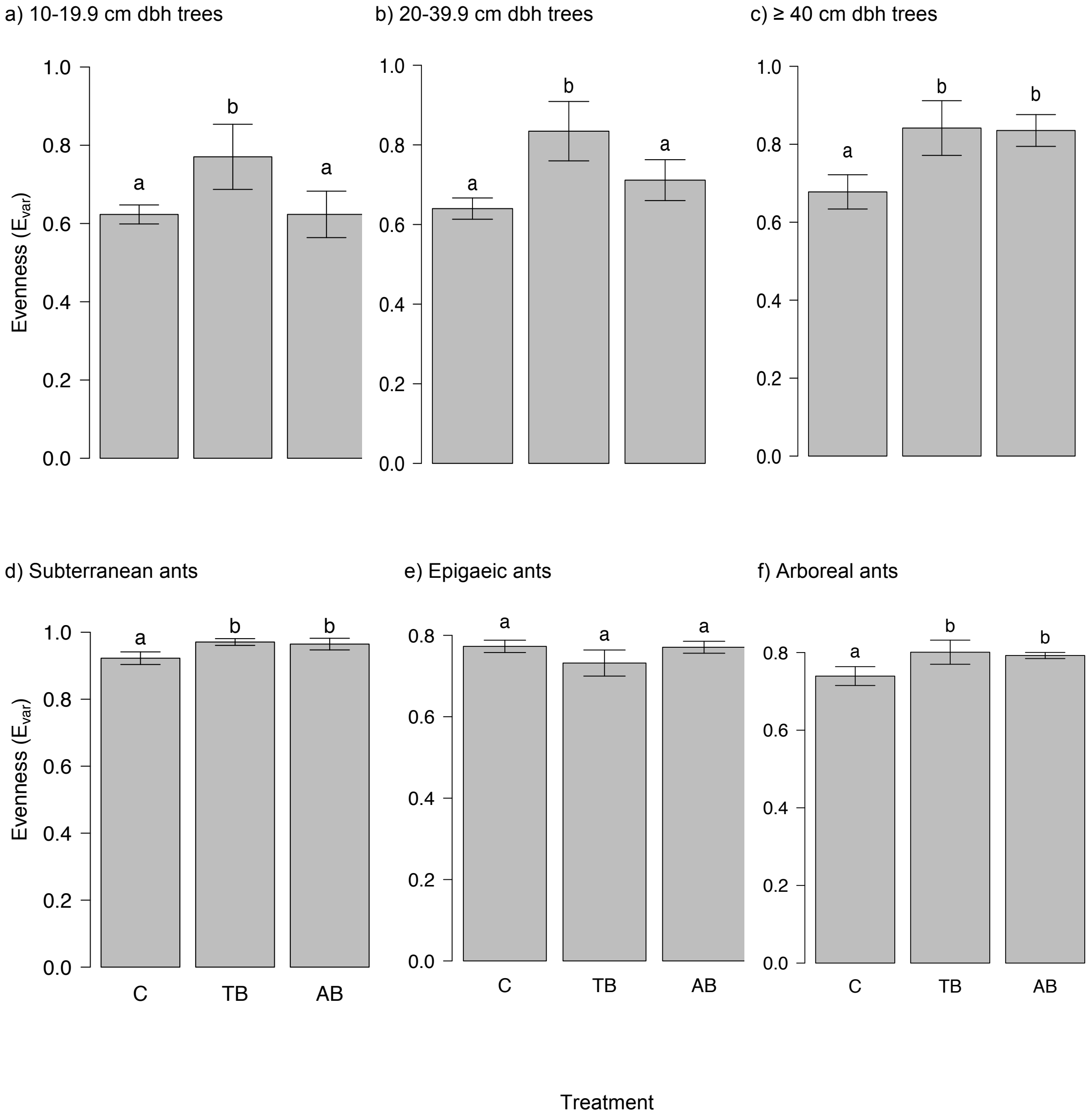


Figure 5


a) 10-19.9 cm dbh trees
b) 20-39.9 cm dbh trees
c) ≥ 40 cm dbh trees
d) Subterranean ants
e) Epigaeic ants
f) Arboreal ants
Evenness (E_{var})
Evenness (E_{var})
0.0
0.2
0.4
0.6
0.8
1.0
a
b
a
a
b
a
a
b
b
a
b
b
a
a
a
a
b
b
C
TB
AB
C
TB
AB
C
TB
AB
Treatment

Appendix

Table S1. List of ant species sampled in each stratum and treatment (C = Control; TB = Triennially burned; AB = Annually burned). Numbers indicate the frequency of occurrence of each species in correspondent stratum and treatment.

Stratum/Treatment	**Subterranean**			**Epigaeic**			**Arboreal**		
Subfamily/Species	C	TB	AB	C	TB	AB	C	TB	AB
Dolichoderinae									
Azteca sp.1						1			
Dolichoderus ghilianii								1	1
Dolichoderus imitator				5			4	2	
Dolichoderus varians							1		
Dorymyrmex sp.1					2	4			1
Dorymyrmex sp.2					16	17		5	2
Dorymyrmex sp.4					3	1			
Forelius sp.1					2				
Forelius sp.2					5				
Linepithema aztecoides				3			1		
Nylanderia sp.2					1				
Tapinoma sp.2								3	3
Dorylinae									
Acanthostichus sp.1	1								
Acanthostichus sp.2			1						
Asphinctanilloides anae						1			
Labidus praedator					1	2			
Neivamyrmex sp.1	1	3	6	1		2			
Neivamyrmex sp.2					1				
Nomamyrmex esenbeckii				1	1				
Ectatomminae									
Ectatomma edentatum				4	1	3			

Ectatomma lugens				4					
Ectatomma opaciventre					4				
Ectatomma tuberculatum				1	1	1	2	1	
Gnamptogenys haenschi	1								
Gnamptogenys striatula				1					
Gnamptogenys sulcata								1	
Formicinae									
Brachymyrmex sp.1	1	5	4	5	17	8	1	4	4
Brachymyrmex sp.2		1		10	1	1	1		3
Brachymyrmex sp.3		1						1	
Brachymyrmex sp.4				1					
Brachymyrmex sp.6					1				
Brachymyrmex sp.10		1						2	
Brachymyrmex sp.19					1				
Camponotus atriceps				13	3	1	21	9	9
Camponotus crassus		1		33	32	20	25	30	29
Camponotus renggeri						2		1	5
Camponotus sericeiventris					2			4	3
Camponotus sp.1				11	1		1		
Camponotus sp.2				1	9	13	3	11	14
Camponotus sp.3				3	19	22		11	18
Camponotus sp.5					1		1		1
Camponotus sp.6				4	8	8		5	4
Camponotus sp.7				6	7	3		4	4
Camponotus sp.8				7	1		3	1	1
Camponotus sp.9							2	4	2
Camponotus sp.10				1					
Camponotus sp.11				5	2		1		
Camponotus sp.13				2			1		

Camponotus sp.16							1		
Camponotus sp.18						1			1
Camponotus sp.19									1
Camponotus sp.21				4	6	8		4	1
Camponotus sp.22				4	4	1	4	2	
Camponotus sp.24									1
Camponotus sp.26								1	
Camponotus sp.28				6	1		8		
Camponotus sp.29					1			1	
Camponotus sp.31									3
Camponotus sp.32					1	1		1	
Camponotus sp.35							1		
Camponotus sp.36					1			1	
Camponotus sp.38					1				
Camponotus sp.39				1				1	
Gigantiops destructor				10	5	5	4	1	3
Myrmelachista sp.3							1		
Nylanderia sp.1				3	1	1	1		
Nylanderia sp.2	2	3		8	7	10		1	1
Nylanderia sp.6				1					
Myrmicinae									
Acromyrmex sp.1									1
Acromyrmex sp.2				1					
Apterostigma megacephala				2					
Apterostigma sp.1				1					
Atta laevigata			2	2	20	12		2	2
Atta sp.1	1	1	2	17	11	13		2	2
Atta sp.6				1					
Atta sp.10						1			
Carebara brevipilosa		1			1				
Carebara sp.4	3	1	6						

Carebara sp.5		2	1						
Carebara sp.6	1								
Cephalotes grandinosus								1	
Cephalotes oculatus								1	
Cephalotes pusillus					2	1		6	
Cephalotes sp.2					1			3	
Cephalotes sp.8								1	
Crematogaster sp.1	8	4		18	14	4	23	22	14
Crematogaster sp.2				1	3	1	2	3	2
Crematogaster sp.3				1					
Crematogaster sp.7								1	
Crematogaster sp.8				4			1		
Crematogaster sp.10		1					2	1	1
Crematogaster sp.11				1					
Crematogaster sp.12				1					
Crematogaster sp.14					1				
Crematogaster sp.16					1				
Crematogaster sp.17									1
Cyphomyrmex sp.2						1			
Daceton armigerum								1	
Monomorium floricola	1		2			1	1	1	
Nesomyrmex sp.1								1	
Nesomyrmex sp.2									1
Ochetomyrmex semipolitus			1	2			2		
Octostruma iheringi	1			1					
Pheidole sp.1				3	2				
Pheidole sp.2	7	1	3	27	19	27	2		2
Pheidole sp.3	1			2	2	2			
Pheidole sp.4							6		
Pheidole sp.5		2		3	26	24			

Pheidole sp.6	4	2	1	5	3	2			
Pheidole sp.7	1		2	19	22	11	2		
Pheidole sp.9		1		9	3	1			
Pheidole sp.10		1		3	2	1			
Pheidole sp.11				6	3	3			
Pheidole sp.12	1	5	3		22	30		4	3
Pheidole sp.14				4					
Pheidole sp.15				3					
Pheidole sp.16				2	1	1			
Pheidole sp.17	1			3	2	3			
Pheidole sp.26				2	2				
Pheidole sp.28				1					
Pheidole sp.30							1		
Pheidole sp.31					2				
Pheidole sp.33								1	
Pheidole sp.36						3			
Pheidole sp.37					1				
Pheidole sp.38				1					
Pheidole sp.39						1			
Pheidole sp.40					3	1			1
Pheidole sp.41				1					
Pheidole sp.43				2					
Pheidole sp.44				1					
Pheidole sp.48						1			
Pheidole sp.50					1				
Pheidole sp.51					1				
Pheidole sp.52				1	1				
Pheidole sp.55					1				
Pheidole sp.57							1		
Pheidole sp.58						1			
Pheidole sp.61					1				
Pheidole sp.62					1				

Sericomyrmex sp.1			1	3	2	3			
Sericomyrmex sp.2				1					
Sericomyrmex sp.3					1				
Solenopsis sp.1	8		1	26	5	4	33	3	11
Solenopsis sp.2	6	2		7	3	3			
Solenopsis sp.4	2		2	13	3				1
Solenopsis sp.9	2			1					
Solenopsis sp.10							1		
Solenopsis sp.12	1		2						
Solenopsis sp.13				4	2		1		
Solenopsis sp.14		2		3	2				
Solenopsis sp.15					3	3			
Solenopsis sp.16				1					
Solenopsis sp.17	1	3	1		5	7			
Solenopsis sp.20	2	4	3	1	3				
Solenopsis sp.21				4			3	2	1
Solenopsis sp.22							1		
Solenopsis sp.25		1							
Solenopsis sp.34						1		1	
Strumigenys denticulata						1			
Trachymyrmex sp.1				5					
Trachymyrmex sp.2				2		1			
Trachymyrmex sp.3									
Trachymyrmex sp.6	1			7	2	1			
Trachymyrmex sp.9				2					
Tranopelta sp.1	6	1	1						
Wasmannia sp.2					1				3
Paraponerinae									
Paraponera clavata					2	1	8	19	8
Ponerinae									
Hypoponera sp.3	1								

Neoponera apicalis				7	1				
Neoponera striatinodis							1		
Neoponera verenae				35	19	12			
Neoponera villosa				2	1		11	7	2
Odontomachus meinerti				1	1	1			
Pachycondyla crassinoda	2	1		24	23	12			
Pachycondyla harpax	1			1	2	1			
Pseudoponera gilberti			1						
Pseudomyrmecinae									
Pseudomyrmex sp.1		1					1		
Pseudomyrmex sp.2				2	1				
Pseudomyrmex sp.3							6		
Pseudomyrmex sp.4							3	6	2
Pseudomyrmex sp.5									2
Pseudomyrmex sp.6						1		1	1
Pseudomyrmex kuenckeli								1	
Pseudomyrmex sp.8									1
Pseudomyrmex sp.9						1		2	1
Pseudomyrmex sp.10								3	1
Pseudomyrmex sp.11								2	
Pseudomyrmex sp.12					1				

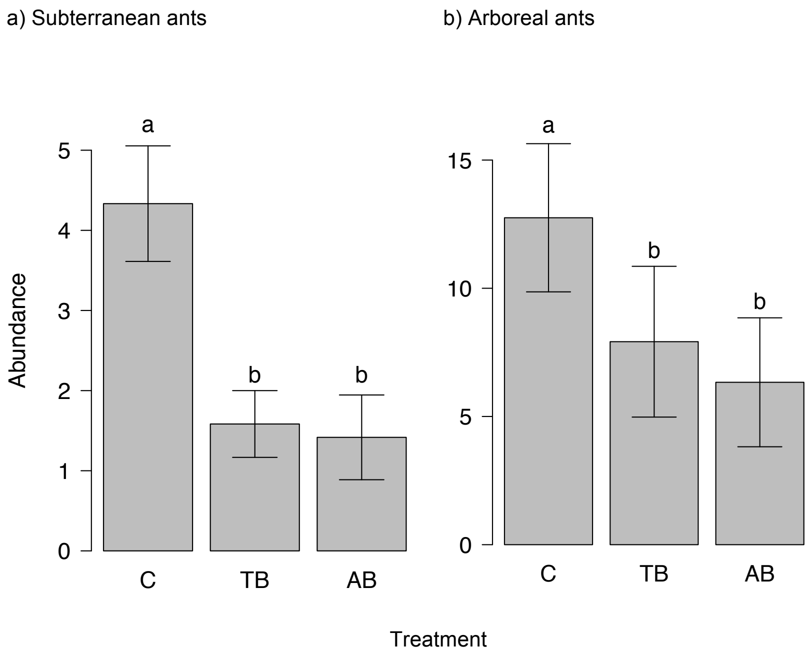


Figure S1. Comparison among treatments (C = Control; TB = Triennially burned; AB = Annually burned) of the abundances of the 10 most common (a) subterranean and (b) arboreal ant species in the Control plot. Bars represent standard error. Different letters indicate significant differences among treatments, according to ANOVA

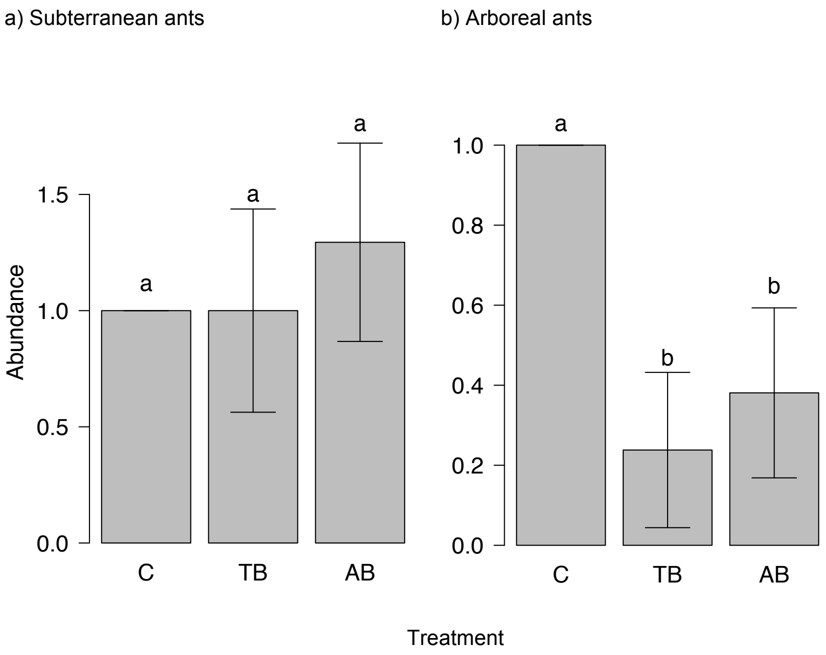


Figure S2. Comparison among treatments (C = Control; TB = Triennially burned; AB = Annually burned) of the abundances of the 10 least common (a) subterranean and (b) arboreal ant species in the Control plot. Bars represent standard error. Different letters indicate significant differences among treatments, according to ANOVA

GENERAL CONCLUSIONS

In this thesis we outline the overall effects of understory fires on shade-adapted ant communities from southern Amazonian forests. We showed that this disturbance is highly detrimental for ants, as reflects of their lack of association with it over evolutionary time. Moreover, we demonstrate for the first time the negative effects of fire on a subterranean ant fauna, and also on the effectiveness of a key ecosystem service provided by rainforest ants, which likely have negative effects on plant communities structure in the long-term.

Despite overall negative effects of fire on ant communities, there were some context-dependent responses: i) more specialized ants and those from more exposed habitats are more sensitive to fire; ii) fuel loads exert minor influence on ant responses, but can still have an important role by increasing the risk of fire occurrence; iii) recurrent fires are more pervasive than single fires, and may even trigger negative effects of at least three years. We also found that ant abundance and biomass responses to disturbance are not necessarily convergent, and we suggest that future studies should consider biomass more often, and preferably than abundance, as a proxy for changes in ecological function. Given the current regime of extreme land-use and high recurrent burning state faced by southern Amazonian forests, we conclude that the prevention of recurrent fires should be of special concern for the maintenance of biodiversity and proper ecosystem functioning of these forests. Since ants have a well-established role on indicating disturbances on other faunal groups, these results call for attention in a broader conservational context, as such effects likely occur for other taxa from these forests as well.